

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC - SP

Carla Viviane Carvalho Lemos

INTERTEXTUALIDADE NO DISCURSO LETRA DE MÚSICA

“NUNCA SERÃO” DE GABRIEL, O PENSADOR

SÃO PAULO

2014

CARLA VIVIANE CARVALHO LEMOS

Intertextualidade no Discurso Letra de Música

“Nunca Serão” de Gabriel, O Pensador

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção de título de Especialista em Língua Portuguesa no Curso de Pós-Graduação Lato sensu (Especialização) em Língua Portuguesa da PUC/SP, sob a orientação do Professor Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

São Paulo

2014

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao EU SOU da minha vida, JESUS CRISTO, por me colocar no lugar da benção, por me ensinar o caminho que devo seguir, por tudo que tem feito até aqui e por tudo que ainda fará.

Agradecer a DEUS por minha família, meus pais: João Vianey Gomes Lemos, minha mãe querida, Maria Verônica M. C. Lemos e meu irmão amado, André Ricardo Carvalho Lemos. Uma família abençoada, que sempre me apoiou em todos os momentos.

Agradecer a DEUS por todos os amigos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que, ao longo do meu trabalho, teceram palavras de conforto, para que eu seguisse adiante. Minhas amigas de grupo, que ao longo do curso foram importantes para minha caminhada: Ana Paula, Jenivalda, Luciana e Maria Aparecida.

Aos amigos de sala, Sara, Simone, Natália, Plácido, Paulo Mijas e tantos outros, que na dura, árdua e solitária construção de nossas monografias, não deixamos de enviar palavras de força, conforto, uns aos outros, para que nenhum desistisse de seus sonhos.

Agradecer ao professor Dr. Jarbas Vargas Nascimento por sua atenção, carinho em acolher essa aluna que chegou às suas mãos decidida a mudar seu projeto, o qual ele tão prontamente ajudou na realização. Agradeço as suas orientações, suas palavras e ensinamentos.

Agradeço também a Pontifícia Universidade Católica PUC/SP e a COGEAE por esta chance. A todos os meus professores do curso *Latu Sensu* em Língua Portuguesa, pois foram grandes colaboradores desse crescimento.

A coordenadora Dra. Vanda Maria Elias, por sua atenção, no momento em que decidi lutar por aquilo que desejava desde o começo, trabalhar minha pesquisa na Análise do Discurso e para isso sua compreensão foi de suma importância.

“Quero que a sorte me ajude
Nas batalhas que eu travo
Mas do berço ao ataúde
Vou manter minha atitude
Não importa a latitude ou longitude
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo.”

(Gabriel Pensador)

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Recorte I - “Nunca Serão”	40
QUADRO II – Recorte II.....	43
QUADRO III – Recorte III – Refrão.....	44
QUADRO IV - Recorte IV.....	46
QUADRO V - Recorte V.....	49
QUADRO VI - Recorte VI.....	50
QUADRO VII - Recorte VII.....	51
QUADRO VII - Recorte VIII.....	53

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a letra de música de Gabriel, o Pensador e apresentar a intertextualidade que existe em seu discurso. Decidimos traçar nossa pesquisa com base nas amostras de Maingueneau (2008), *Análise do Discurso de linha francesa*. Concordando com o autor, quando apresenta em suas amostras que os textos não são tecidos do nada, mas sim que há muitos textos permeando outros textos. Em nossa pesquisa nos basearemos na Intertextualidade dentro da Semântica Global na qual, nos fixamos em desenvolver, nesta amostra, apenas quatro dos seus tópicos: a intertextualidade, o vocabulário, os temas e o estatuto do enunciador e do destinatário, por entendermos que esses são os principais tópicos que darão conta, neste momento, para nosso maior objetivo que é o de entender e compreender a intertextualidade dentro do discurso de letra de música de Gabriel, o Pensador.

Compreendemos que ao longo de nossas pesquisas, será de grande importância entendermos que a *Análise do Discurso* é uma ciência que nasceu dentro de um conjunto de saberes e que está inserida na linha francesa dentro da ciência da linguagem, conforme Maingueneau cita em seu texto *“Análise do Discurso e suas Fronteiras”*. Sendo assim, o nosso interesse aqui são dois: o discurso e o lugar social para compreendermos melhor como se dá essa intertextualidade no discurso de letra de música, *“Nunca Serão”* de Gabriel, o Pensador.

PALAVRAS CHAVE: *Análise do Discurso*, letra de música, Gabriel, o Pensador, intertextualidade, Maingueneau, enunciador e coenunciador.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1. Condições sócio-históricas de produção do discurso de Gabriel, o Pensador.....	11
1.1. Gabriel, o Pensador.....	11
1.2. História do Hip Hop norte americano.....	15
1.3. O Discurso de Gabriel, o Pensador - A relação da letra escolhida com o contexto de produção – Atitude Política.....	19
1.4. A escolha do Discurso de Gabriel, o Pensador.....	22
Capítulo 2. Fundamentação teórica.....	23
2.1. A análise do discurso na atualidade - Análise do Discurso e suas Fronteiras, pesquisa de Dominique Maingueneau.....	23
2.2. A Semântica Global.....	31
2.2.1. Intertextualidade.....	31
2.3. Condições de Produção dos Discursos.....	33
2.4. O Vocabulário.....	34
2.5. Os Temas.....	35
2.6. Formação Discursiva.....	36
2.6.1. O Estatuto do Enunciador e do coenunciador.....	37
Capítulo 3. A pesquisa: a análise do discurso de Gabriel, o Pensador.....	39
Considerações Finais.....	55
Referências Bibliográficas.....	57
Anexos.....	60

INTRODUÇÃO

A partir do crescente movimento *Hip Hop* no Brasil, cujo discurso tem o objetivo de expor as mazelas sociais e dar voz aqueles que são esquecidos pelas classes mais abastadas, decidimos buscar conhecer mais sobre esse movimento, seu histórico, principais influências e como esse ritmo é desenvolvido no Brasil. Este trabalho tem como tema a Intertextualidade dentro do discurso de letra de música, do autor Gabriel, o Pensador, dada a necessidade de se ter um material rico para o desenvolvimento deste trabalho.

Escolhemos trabalhar o discurso do cantor e compositor Gabriel, o Pensador por entendermos que, hoje, ele é um dos cantores de maior expressão no cenário do *Hip Hop* brasileiro, não desmerecendo os demais artistas que também realizam excelentes trabalhos, não só em seus discursos nas letras de suas músicas, como também em suas ações sociais dentro de projetos que visam ajudar e cada vez mais melhorar as condições precárias em que vivem milhares de pessoas nas periferias esquecidas deste país.

Nos concentramos em estudos da semântica global, dentro das amostras de Maingueneau (2008) com objetivo de elucidar os planos da intertextualidade nas letras de música de Gabriel, o Pensador. Buscando entender de que maneira ele/enunciador constrói essa discursividade, disponibilizando, aos seus co-enunciadores, adesão ao seu discurso, sem esquecermos que o nosso objetivo dentro da Análise do Discurso, conforme cita Maingueneau(2007), dentro da linguagem, são dois: o discurso e o lugar social.

Concordamos com Baccega quando nos afirma que a concepção de linguagem está vinculada à dinâmica da vida social, em que as palavras vão dando sentido as ações humanas. A autora explica que:

[...] A relação da Análise do Discurso com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, que significa se colocar no interior de uma relação de confrontos de sentidos. (BACCEGA, 1998, p. 90 – 91).

Justifica-se nossa escolha para as letras de música de Gabriel, o Pensador, por ser o compositor que, dentro do estilo *Hip Hop* brasileiro, mais

produziu letras de música com objetivo de tecer críticas e análises acerca das práticas sociais e políticas do nosso país. Há que se considerar que ele tem uma expressão forte dentro deste segmento musical, sempre respeitando suas características e suas intenções sociais – que é a de dar voz para aqueles que não têm como se expressar.

Os discursos do compositor são discursos de protestos, que expõem as mazelas sociais do Brasil, fatos marcantes da nossa história que acabam deixando os cidadãos brasileiros numa desconfortável situação, com desejo de mudança e através dos discursos das letras de música de Gabriel, o Pensador podemos entender que há intertextualidade em suas letras e que seu discurso é permeado por outros discursos. O que pretendemos aqui é compreender como se dá essa intertextualidade (que discursos permeiam o seu discurso) se essa intertextualidade é explícita ou não.

O presente trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos “As Condições Sócio-Históricas de Produção do Discurso de Gabriel, o Pensador”, por entendermos que há uma necessidade de apresentar ao nosso leitor um breve resumo sobre a vida do compositor, que vive no Rio de Janeiro, principalmente porque todo seu contexto social nasceu e cresceu na cidade maravilhosa e é através de experiências vividas neste contexto que ele traça sua leitura de mundo.

A partir desse resumo histórico de sua vida, poderemos compreender melhor os motivos pelos quais ele decidiu ser compositor e cantor do estilo *Hip Hop* (chamado de *Rap*, no Brasil), a relação que existe entre suas letras – discurso – e sua realidade de vida em seu contexto social – lugar social).

No segundo capítulo, intitulado “Fundamentação Teórica”, buscamos nos postulados de Maingueneau (2008), dentro da Análise do Discurso de linha francesa, traçar todos os seus aprendizados referentes à intertextualidade, com base em suas definições próprias, que desenvolveram a relação de texto e discurso e sua configuração com os sujeitos sociais, buscando nossas respostas na Semântica Global, Intertextualidade, Vocabulário, Tema e Estatuto do Enunciador e do Destinatário.

Aqui não nos debruçamos somente nas amostras de Maingueneau (2008), que é o nosso ponto de apoio para esta pesquisa, mas também nas pesquisas de outros autores que só contribuíram para que a Análise do

Discurso pudesse, neste momento, suprir nossas dúvidas em relação ao assunto Intertextualidade nas letras de música de Gabriel, o Pensador.

No terceiro capítulo analisaremos a letra da música – “Nunca Serão” – com foco no vocabulário (por entendermos que muitas palavras utilizadas pelo autor, em seu discurso da letra de música “Nunca Serão” podem não ser de conhecimento de alguns leitores de sua obra).

Analisaremos a leitura da construção textual, compreensão do diálogo que se estabelece entre o autor e o Capitão Nascimento, que faz parte desse contexto.

Entendemos que a escolha de uma letra de música, para este trabalho, nos possibilita compreender e entender a dinâmica da intertextualidade dentro do discurso presente na obra de Gabriel, o Pensador.

CAPITULO 1 - CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE GABRIEL, O PENSADOR.

De acordo com os estudos de Maingueneau e outros pesquisadores, a Análise do Discurso (AD) está relacionada aos gêneros de discurso trabalhados nos espaços sociais e por isso a importância de conhecer, além dos espaços sociais, o fator histórico no qual foi construído o discurso.

Em nossa pesquisa o objeto a ser analisado é a letra da música “Nunca Serão” de Gabriel, o Pensador. Antes de analisarmos a letra da música, entretanto, se faz necessário saber/conhecer quem é Gabriel, o Pensador: sua origem e seu histórico, a fim de que possamos compreender sua ideologia, sua visão de mundo e a qual segmento social ele pertence. Por este motivo decidimos iniciar esta amostra com um breve relato sobre a vida do cidadão, compositor e cantor Gabriel, O Pensador.

1.1. Gabriel, o Pensador

Gabriel Contino, nascido em 4 de março de 1974, no bairro de Vila Isabel, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. É filho da jornalista Belisa Ribeiro e do médico Miguel Contino, que se divorciaram ainda quando o garoto tinha seis meses de idade. Gabriel continuou morando com sua mãe e sua avó Eneida, até dona Belisa adquirir condições financeiras para morar sozinha e criar seu filho.

Na infância o menino passou por alguns colégios, como “Senador Correia” e “Andrews”, colégios rígidos e tradicionais. Já neste último colégio, que ficava no bairro de São Conrado – para onde foi morar com sua mãe - ele passou a ser chamado de “pequeno”, apelido que recebera da turma da praia do Cantão e foi ali que Gabriel começou a se interessar por ondas, skate e etc.

Gabriel foi um aluno que sempre teve boas notas, adorava língua portuguesa e nas aulas de redação mostrava que herdara da mãe a arte de escrever bem. Iniciou sua vida de letrista na época que ainda frequentava a escola, criando primeiramente letras de músicas, uma delas apresentada e

premiada no Sarau que ocorreu na escola “Senador Correa” em que ele era aluno.

Brasileiro de classe média, Gabriel não se fixou nesse cenário bonito, dos filhos cujos pais podiam realizar seus desejos de consumo, filhos que estudavam em escolas particulares e tinham acesso à cultura. Ele pertencia à classe média, mas tinha sede de conhecer outros “mundos”, mundos esses que estavam bem próximos; lugares “esquecidos” pela sociedade e seus representantes políticos.

Ele somou a essa possibilidade, uma boa dose de observação e já que escrever era seu vício, como ele deixa claro em seu mais recente trabalho (álbum “Sem Crise” na música “Linhas Tortas”, de 2012), todos esses conhecimentos tornaram-se material concreto para suas composições.

Gabriel morou em São Conrado, na zona sul, até seus quinze anos e neste período teve contato com os dois lados da sociedade carioca, o lado da classe média, a qual faz parte e o lado mais pobre, conheceu e fez amizade com jovens que moravam na favela da Rocinha. Por mais que não quisesse, esse período fez com que ele definisse sua personalidade e sua visão diante da vida, já que podia “passear” nos muitos mundos de uma sociedade urbana carioca.

Musicalmente falando, Gabriel sempre esteve receptivo a conhecer aos inúmeros gêneros musicais: samba, MPB e mais tarde, ainda morando em Humaitá, descobriu Michael Jackson e seu “*break*”, dança da cultura *Hip Hop* que nasceu nos EUA. Ele ouvia o *funk* carioca daquela época, mas mesmo quando ocorreram mudanças em sua vida, ele não se afastou do *Hip Hop*, da música negra norte-americana. Como bom ouvinte, apenas acrescentou novos repertórios ao seu aguçado gosto musical. Vieram então as bandas de rock brasileiras como: Legião Urbana, Titãs, Paralamas do Sucesso, RPM, Lobão, Léo Jaime, etc. Ele também ouvia o gênero MPB, músicas de Chico Buarque, Gonzaguinha, Caetano Veloso, que chamavam a atenção do rapaz. Podemos entender que, apesar de ter escolhido o *Rap* para expor suas letras, Gabriel é um cidadão eclético e que recebeu muitas influências musicais ao longo de sua formação.

Dando um salto em sua linha do tempo chegamos ao início de sua vida musical nos anos 90. Gabriel nasceu quando o Brasil completava dez anos de

ditadura, período em que foi trabalhado na sociedade o “poder de silenciar”, ou seja, naquele momento os compositores tinham que ter mais que belas letras para que pudessem passar pelos cautelosos e atentos “olhos da censura”.

A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala. (ORLANDI, 2007, p. 76 e 77).

Quando iniciou sua vida musical, a ditadura já tinha acabado há seis anos. Em 1992 ele cursava Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e sua vida como compositor e cantor iniciava ao som da letra de música composta por ele mesmo “*Tô Feliz (Matei o Presidente)*”, feita para o ex-presidente Fernando Collor de Melo que nos anos 90 sofreu um processo de *impeachment* e foi obrigado a renunciar o mandato. O cantor teve sua música censurada, mesmo após os longos anos de ditadura no Brasil.

Gabriel, o Pensador é um compositor e cantor que expõe em suas composições a realidade da sociedade brasileira que atinge, mais diretamente, a classe pobre, marginalizada e sem direito a voz. Por esse motivo é que o *Rap* passou a ser sua bandeira. Gabriel traz consigo as características deste movimento, que nasceu nos EUA e ganhou admiradores e seguidores por muitos países, inclusive o Brasil. Nos anos 80, podemos citar alguns nomes que surgiram no cenário musical do Rap brasileiro como: DJ Hum, Racionais MCs, Mc Jack, entre outros.

Há no *Hip-Hop* a necessidade de protestar contra a pobreza, o preconceito racial, social e a forma como a polícia trata as pessoas que vivem em comunidades. O *Rap* procura levar mensagem de otimismo para aqueles que vivem sem nenhum sopro de esperança.

No hip-hop, todas essas práticas artísticas carregam consigo o protesto contra a pobreza e a marginalização, bem como a denúncia da violência policial e do racismo e uma mensagem de valorização e aumento da autoestima da população das periferias, adaptando-se às especificidades de cada local, o que é notado especialmente nas letras do rap. (Andreia Moassab 2011).

É importante ressaltar que o cantor se identificava deveras com o *rap* e era pelas ondas das rádios de todo país que o carioca queria surfar, escrevendo letras sobre a realidade do Brasil, sobre a política, políticos corruptos e todas as mazelas que cercam esse país. E com esse foco, dentro deste gênero discursivo música, ele lançou vários CDs ao longo de sua carreira. Segue resumo da trajetória de Gabriel:

Ordem cronológica:

1995 – Ainda é só o começo.

1997 – Gabriel o Pensador e Quebra – Cabeça.

1999 – Nádegas a Declarar e Gabriel o Pensador: As melhores.

2001 – Seja você mesmo (Mas não seja sempre o mesmo).

2003 – Tás a ver (O melhor de Gabriel o Pensador) e MTV ao Vivo.

2005 – Cavaleiro Andante.

2012 – Sem Crise. Escolhido para analisarmos a letra da música “Nunca Serão”.¹

Gabriel também é escritor e ao longo de sua carreira lançou três livros: “O Diário Noturno” – de 2001 – “Um Garoto Chamado Rorbetto”, que em 2006 ganhou o prêmio Jabuti de melhor livro infantil (com esses dois, ele ministra palestras falando sobre seu trabalho como compositor, cantor e sobre suas experiências de vida) e “O Pequeno Rubro Negro”, de 2008.

Não basta conhecermos, apenas, ainda que de maneira breve, a trajetória do Gabriel, o Pensador. Decidimos, então, apresentar a história do hip hop para que seja compreendido o surgimento deste gênero musical, suas origens, sua filosofia e seus principais fundadores e, também, para que seja compreendido mais de perto o motivo pelo qual Gabriel, o pensador, decidiu levantar a bandeira desse movimento no Brasil.

De acordo com os estudos de Baccega (2007), recebemos a cultura de maneira pronta e através da palavra podemos reelaborar essas aprendizagens recebidas.

¹ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Discografia_de_Gabriel_o_Pensador

[...] entre o homem e a realidade, entre o sujeito e o objeto, há uma mediação, há uma “cerca”, há uma “força” que o impele a perceber essa realidade de um determinado modo. E a raiz dessa força é a palavra. (BACCEGA, 1995, p. 34)

Seguindo as amostras de Baccega (2007), as pessoas são limitadas, ninguém conhece tudo ou transita pelo mundo e conhece tudo do mundo. Nós conhecemos apenas aquilo que faz parte de nossas vidas em nosso cotidiano social. Por isso a importância de trazer para esta monografia a história de vida do autor e compositor Gabriel, o pensador, bem como conhecer o que o levou a escrever a letra, que é o nosso objeto de pesquisa. Qual a origem desse diálogo, qual a importância dele para o contexto social, no qual os cidadãos – Gabriel, o pensador e o Capitão Nascimento – fazem parte?

Outro ponto importante é a história do surgimento do *Hip Hop*, no qual encontraremos subsídios que nos façam entender o motivo que levou Gabriel, o pensador a seguir por esse caminho.

1.2. História do Hip Hop norte americano

Quando pensamos no segmento *Hip Hop*, mais conhecido como Rap no Brasil, é possível acreditarmos tratar-se de um modismo musical, que logo vai passar. Entretanto, ao pesquisarmos os vários livros que abordam esse assunto, entendemos que não se trata de mais um gênero musical, mas de uma filosofia de vida.

Decidimos dedicar um espaço para contarmos, resumidamente, com base em pesquisas, um pouco da história deste movimento musical, que tem suas raízes na realidade dos guetos de Nova Iorque.

Vamos para os Estados Unidos, na década de 60 e recordamos que ainda naquele tempo em muitos estados, principalmente no sul do país, havia leis parecidas com a do *Apartheid*, ou seja, pautadas na divisão social por raças. Brancos e negros viviam socialmente, mas dentro de uma divisão, que acontecia em meio a Guerra Fria, na qual se brigavam por mais liberdade nos países comunistas, representando um paradoxo entre discurso e realidade.

Para que a “guerra” entre brancos e negros tivesse fim nos EUA, começaram a surgir movimentos com pensamentos e ideias diferentes.

Podemos destacar aqui os nomes de Malcom X e Martin Luther King Jr, ambos tinham ideias diferentes e lutavam pelo fim dos conflitos sociais.

Malcom X, que era filho de pastor, que teve sua vida mudada depois da morte de seu pai por causa de uma organização racista dos EUA conhecida como Ku Klux Klan. Passou por várias experiências, ficou preso por se envolver com crime, entrou para o Islamismo, pertencendo ao grupo “Nação do Islã” e depois de ter ido à Meca em 1964, decidiu voltar ao país e continuar sua batalha, pois entendeu que negros e brancos poderiam viver bem em sociedade. Ele foi morto em 1965 por membros do grupo ao qual fez parte.

Martin Luther King Jr é estadunidense, negro e também tinha como objetivo ver a guerra racial acabar no seu país. Enquanto Malcom pregava a autodefesa, Martin queria a resistência pacífica, como pregava Gandhi, líder indiano. Em 1964 Martin Luther King Jr ganhou o Premio Nobel da Paz, mas morreu assassinado em 1968.

Movimentos contra preconceito racial começaram a nascer nos EUA. Em 1968, surgiu o Partido Panteras Negras, que tinha propostas violentas e agressivas. O grupo logo tomou uma força social e se alastrou por todo país; ganhava a atenção da sociedade norte americana, pregava a paz, apesar de sempre estar ligado a frequentes denúncias de ataques. Como afirma MOASSAB (2011, p. 35), este grupo teve um de seus líderes – Mumia Abu-Jamal, preso injustamente e condenado a pena de morte, mas até hoje está no corredor da morte esperando sua execução.

Já o grupo *Black Panthers*, encontrava brechas nas leis e agiam em igualdade com os brancos. Portavam armas e batiam de frente com o sistema que nada poderia fazer e assim eles mostravam que lutavam a favor de seus irmãos.

Os anos 60 foram marcados pelo nascimento do *rock and roll* para os EUA e para muitos outros países, mas, nos guetos estadunidenses o que se ouvia era o grito de protesto através do gênero musical *Soul*, na voz de James Brown. Ele cantava “*Say it loud: I’m black and proud!*” (Diga alto: sou negro e orgulhoso!), frase de Steve Biko, líder sul-africano”.

Depois chegou a vez do *funk* e mais uma vez James Brown surpreendeu os brancos norte-americanos, com sua voz estridente, mostrando o crescimento da arte negra naquele momento no país. Nesta época os negros já

estavam mudando suas atitudes, eles sabiam que a luta ainda existia, mas era através das letras das músicas e da arte que eles passariam a expressar sua indignação contra a sociedade racista e o poder; ao perceber isso, políticos numa tentativa de abafar as revelações trazidas nas letras das músicas, procuravam “comprar” esses cantores pobres, dos guetos, oferecendo contratos de valores expressivos. Enquanto isso, a indústria fonográfica, depois de muito procurar, encontrava Elvis Presley, branco, bonito, com a voz que lembrava os cantores negros da época. O sucesso foi garantido e a indústria investiu forte em sua ascensão musical para abafar a voz dos grandes cantores negros de rock and roll da época.

Nos guetos estadunidenses, essas tradições expressam-se no *preaching*, no *toasting*, no *boasting*, no *signifying* ou nas *dozens* (espécie de "desafio" em rima). São versos conhecidos até hoje, que usam a gíria dos bairros negros e impossibilitam a compreensão dos brancos. Contam histórias de prostitutas, desordens, tiroteios e tudo o que envolve a marginalidade.

No início da década de 70, artistas como os *Watts Prophets*, de Los Angeles, ou os *Last Poets* e Gil Scott-Heron (criador do famoso verso "A revolução não passa na televisão"), de Nova Iorque, recuperaram essa tradição poética e puseram-na a serviço de toda a luta política. Essa base cultural local, “que envolvia muitas técnicas de memorização e improviso, foi cultivada no chamado *freestyle* (*rap* improvisado)”².

A história de Hip Hop é repleta de meandros, acontecimentos que ao longo do tempo fortaleciam e alicerçavam ainda mais o surgimento de novos movimentos.

Efetivamente, toda luta contra o sistema político, mesmo que fracassada, era mais um tijolo erguido para a entrada do *Rap* na vida dos moradores dos guetos em Nova Iorque.

Surgia então o estilo *Rhythm and Poetry (RAP)*, que em português significa “Ritmo e Poesia”, na carona dele surge o estilo dançante conhecido como “*breakdance*”, uma dança na qual os adeptos tem que se contorcer e

² Fonte: <http://equipefunkmachine.blogspot.com.br/p/verdadeira-historia-do-hip-hop.html>
> acesso em 10/02/2014.

seguir o ritmo quebrado das músicas. Esse novo estilo de música, de dança, trouxe para os guetos um novo momento. Sociólogos diziam que esse novo gênero musical, que trazia não só a música, mas o desenho, a composição, o canto, a disputa para ver quem era o melhor DJ, fazia com que os jovens exercitassem sua criatividade. Dentro deste contexto surge o grafite, que no começo só era utilizado para que os jovens escrevessem seus nomes nos muros abertos dos bairros em Nova Iorque.

[...] “Taki 183” (Taki como pseudônimo de Demetrius e 183 por causa do número da casa dele) foi o precursor do grafitti. No início da década de 70, ele começou a espalhar a sua marca por toda a cidade de Nova Iorque e iniciou uma verdadeira guerra com outros “Writers” (pessoa que faz grafitti) para ver quem assinava o maior número de paredes possíveis, nos lugares mais difíceis.³

A sigla *Hip Hop* significa Hip – saltar e Hop - movimento dos quadris. Essa nomenclatura foi criada por *Afrika Bambaataa* em 1978.

Sobre a denominação Hip-Hop, sabe-se que o termo foi estabelecido por Africa Bombata, em 1978, inspirado em duas motivações distintas. A primeira delas estava na forma cíclica pela qual se transmitia a cultura do guetto. A segunda estava justamente na forma de dança mais popular na época, ou seja, saltar (hip), movimentando os quadris (hop).⁴

A ideia de Afrika Bambaataa era transformar o negativismo das gangues em energia positiva, pois ele perdera o melhor amigo em uma guerra de gangues, no tempo que ele era integrante de uma delas. Cansado disso, pensou em fazer algo para mudar esta situação, as pessoas estavam cada vez mais ocupadas com o *Hip Hop*, em mostrar suas habilidades da melhor forma possível nas festas. O Rap tem duas épocas: a “*old school*” caracterizada pelo *elektro-rap* e a “*new school*” (nova escola), na qual a tecnologia possibilitava novos arranjos. E fazia com que os compositores escrevessem letras mais elaboradas.

³ Idem à nota anterior.

⁴ *Ibidem*.

Bem, assim seria o *Hip Hop* para muitos, DJs descobrindo e criando os *break-beats*, MC's rimando, B. Boys dançando e a maioria dos membros da cultura *Hip Hop* também eram escritores. Bambaataa os usou para espalhar sua mensagem, que consistia em "lutar com criatividade, não com violência!". Com a integração dos quatro elementos da cultura *Hip Hop*, a vontade de competir era geral, empurrando todos permanentemente a melhorar e ser o mais criativo possível.⁵ Bambaataa pregava que cada artista tinha que criar suas composições sem se favorecer das ideias dos outros compositores, pois todos tinham capacidade de criação.

Outra lei respeitada era: Paz, unidade, amor e divertimento. A base para os diferentes elementos já estava pronta, mas com a integração da cultura *Hip Hop* foi acelerado o desenvolvimento rapidamente dos elementos. Assim, esse movimento passou a ser difundido em todos os estados norte americanos, fazendo com que nascessem diferentes estilos.

Hoje, podemos ver que esse gênero musical ultrapassou fronteiras e é um dos mais difundidos no Brasil, do qual Gabriel, O Pensador faz parte.

1.3. O Discurso de Gabriel, o Pensador - A relação da letra escolhida com o contexto de produção – Atitude Política

A escolha da letra "Nunca Serão" do álbum "Sem Crise", lançado em 2012, deveu-se à crítica dirigida à maneira como os políticos deste país utilizam o dinheiro público, como tratam a sociedade ao não darem prioridade aos serviços de primeira necessidade como saúde, educação e segurança. Gabriel também critica em seu discurso o abuso das autoridades policiais no cumprimento de seu dever.

Quando analisamos o discurso, que é nosso objeto de estudo, entendemos que nele há vários outros discursos, que o enunciador não criou do nada, não havendo um discurso único, impermeável. Neste contexto, o enunciador traz consigo marcas que estão presentes em seu discurso, como a ideologia, o seu histórico familiar, suas crenças, etc. ORLANDI explica que "*todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras.*" (2010, pg. 15.)

⁵ *Ibidem.*

No discurso “Nunca Serão”, Gabriel não trata somente dos acontecimentos políticos do ano de 2012, quando escreveu esse *rap*. Ele traz marcas de acontecimentos recorrentes na sociedade brasileira, que também foram denunciados em 2012. O que percebemos é que muitas vezes as ocorrências mudam, os personagens também mudam, o local, mas jamais mudarão as evidências do descaso das autoridades em resolvê-las. No ano de 2012, tivemos também inúmeras ocorrências de maus tratos nos hospitais públicos, morte de mulheres, homens, crianças e idosos. Uso indevido do dinheiro público, verbas mal utilizadas na saúde, na educação e na segurança dos cidadãos brasileiros. Há registros de casos de mulheres brasileiras, que foram mortas por seus próprios companheiros, ou ex-companheiros e que muitas delas, foram ao distrito policial fazer boletim de ocorrência, algumas chegando a realizar essa via sacra inúmeras vezes, mas que caracterizou-se em mero cumprimento burocrático, que não as livraram da sua sentença de morte.

O CD “Sem Crise” foi lançado num momento em que a sociedade brasileira decidiu ir às ruas para lutar por mudanças sociais. Tudo começou com o aumento do valor dos transportes públicos na cidade de São Paulo. Os movimentos cresceram, a sociedade de norte a sul do país decidiu aderir ao movimento para apresentar às autoridades públicas sua decepção, sua revolta, sua necessidade de mudança. Em meio aos protestos, houve depredações, prisões de cidadãos que foram pegos em flagrante depredando patrimônio público e estabelecimentos comerciais. E aqui, observamos o quão atual estava o discurso “Nunca Serão” (Sem Crise, 2012) de Gabriel, O Pensador.

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. (BAKHTIN, 1992. p.297).

A letra de música, que será analisada em outro capítulo, traz um discurso que deixa claro que, apesar de tantos protestos e tantas exigências, não parece que os problemas sociais deste país serão solucionados. Nela, Gabriel, o Pensador faz uma “parceria” com o personagem Capitão Nascimento, do livro “Elite da Tropa” (2006), dos autores André Batista e Rodrigo Pimentel, que são policiais do BOPE e com participação do antropólogo Luiz Eduardo Soares,

que logo foi transformado em filme, dirigido por José Padilha chamado “Tropa de Elite” I e II. A história trata da violência na cidade do Rio de Janeiro, a corrupção que permeia os setores públicos como o BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais), a Polícia Militar do Rio de Janeiro e que tais atos de corrupção acontecem, em muitos desses casos, com a participação de autoridades políticas e empresários influentes.

Os compositores de Rap, em suas letras, buscam apresentar à sociedade o que as pessoas que vivem à margem da sociedade, enfrentam em seu dia a dia. Os problemas, as diferenças sociais que muitos insistem em não ver, não assumir que essa diferença existe e se faz presente para aqueles que não têm voz para expor suas aflições, seus desabafos.

Em sua amostra, MOASSAB (2011) nos relata que é necessário entender que o discurso do movimento Hip Hop – Rap, não defende somente um único pensamento, mas está ligado diretamente a vários segmentos sociais (minorias) que também sofrem discriminações, como os nordestinos, homossexuais, e tantos outros. O objetivo é apresentar à sociedade uma identidade verdadeira das periferias e tirar os jovens negros, que são tão discriminados, do rótulo recebido por aqueles que nunca estiveram em uma comunidade e acreditam que todos que vivem na periferia das cidades são delinquentes, sem formação e, conseqüentemente, sem qualificação para se inserirem no mercado profissional.

De acordo com sociólogo Gey Espinheira (*apud* MOASSAB, 2011, p.59) “a Pátria do hip-hop é a juventude”. Por isso se faz necessário trabalhar a autoestima dos jovens, proporcionar-lhes espaços para defenderem suas ideias, buscarem seus ideais, sem que se sintam diminuídos pelos setores elitizados da sociedade.

O hip-hop, ao construir um grupo identitário com base na localidade (periferias), na classe (pobre) e na etnia (majoritariamente negros), usa essa diferenciação como sua maior potência criar seus próprios valores e legitimação a partir de dentro. É nessa diferenciação intencional que está sua arma de guerra, é a partir dela que será feita a luta contra valores impostos pelas relações de poder dominantes. (MOASSAB 2011, p.110).

1.4. A escolha do Discurso de Gabriel, o Pensador.

Neste momento queremos esclarecer, por entendermos que se faz necessário, qual motivo que nos levou a escolher o discurso “letra de música”, do cantor e compositor Gabriel, o Pensador para ser o nosso objeto de pesquisa dentro da Análise do Discurso. Observamos a discografia de Gabriel, o Pensador e nos deparamos com um trabalho repleto de indagações sociais, motivo que nos levou a querer esmiuçar uma de suas letras a fim de destacar o que está implícito e explícito em seus versos e também discorrer sobre o discurso e os vários discursos que permeiam o discurso do compositor que naquele momento é elaborado/construído. Aproveitando o teor dessa letra crítica, para dela extrair a voz social, o diálogo que se estabelece entre o compositor e seus leitores e como ocorre essa produção de sentidos.

Um fator que corrobora em nossa busca é o fato de que, ao lidarmos com letra de música, vários fatores estão inseridos e acompanham a já referida composição, tais como a melodia, o ritmo, quem a compôs, a que público se destina, quais serão as vias de acesso desta ou de outra canção para o fã do *Raper*, etc.

Os questionamentos são vários, todavia, nos centraremos na questão da intertextualidade, contida na letra escolhida para pesquisa e por meio desses estudos, a realização de uma leitura além da letra, revelando como há muito a ser dito, nas entrelinhas, sem perdermos o nosso interesse que é o de unir o discurso ao lugar social. No próximo capítulo será apresentado o referencial teórico acerca do tema abordado, a fim de sustentar os argumentos e ideias apresentadas.

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A análise do discurso na atualidade - Análise do Discurso e suas Fronteiras, pesquisa de Dominique Maingueneau

Nessa amostra, o autor Dominique Maingueneau (2008) aborda a realidade dos estudos dentro da Análise do Discurso. Em seu artigo, ele apresenta o quanto pesquisadores estão rotulando seus trabalhos dentro dos estudos da AD sem ao menos conhecerem seus princípios e objetivos, apenas fazendo uso com o intuito de dar mais credibilidade as suas pesquisas.

Maingueneau apresenta como de fato a Análise do Discurso deve ser abordada nas pesquisas que se classificam dentro das amostras da AD. Ele tem consciência que não se evita que outras ciências queiram se utilizar da AD para desenvolver suas pesquisas, mesmo porque a Análise do Discurso é uma ciência que nasceu dentro de um conjunto de saberes, apesar de estar inserida, pelo menos na linha Francesa, dentro da ciência da linguagem, mas ressalta que isso também não pode ser utilizado de maneira desenfreada e de qualquer forma. Ele afirma, que *“quando falamos de análise do discurso, não podemos mais ignorar que esse rótulo se aplica a trabalhos de inspirações muito diferentes em todo o mundo.”* (2007, p. 15).

O fato é que muitos pesquisadores preferem abordá-la citando os estudos mais antigos para conferir à sua amostra mais credibilidade. Apesar de Van Dijk apresentar em seus estudos que a Análise do Discurso é uma continuidade da Retórica (1985, p.1) Maingueneau discorda, por salientar que a AD situa-se dentro de uma “ordem discursiva”, o que não tem nada de igualdade com a retórica, aceitando apenas classificar a AD de forma que ela tenha reiventado a retórica, como se a AD tivesse realizado uma reforma na retórica, mas o que de fato ocorreu foi que a AD alargou os caminhos da linguística.

[...] para nós, a análise do discurso não veio simplesmente preencher um vazio na linguística do sistema, como se a Saussure tivéssemos adicionado Bakhtin, ou ainda como se a uma linguística da “língua” acrescentássemos uma linguística da “fala”. É verdade que ela mantém um elo privilegiado com as ciências da linguagem, domínio ao qual pertence – pelo menos na concepção que prevalece em geral, e

particularmente na França; todavia, seu desenvolvimento implica não apenas uma extensão da linguística, mas também uma reconfiguração do conjunto dos saberes. (MAINGUENEAU, 2007, p. 16)

Muitos estudiosos, em sua maior parte linguistas, como sociólogos, antropólogos e filósofos pesquisaram sobre a Análise do Discurso e, por tratar-se de um campo amplo, por muito tempo, muitos se viam obrigados a emitir um tipo de definição para a análise do discurso. Vamos apresentar aqui as definições de alguns estudiosos:

Van Dijk, que vê na análise do discurso o estudo do “uso real da linguagem por locutores reais em situações reais”. É também o caso de Deborah Schiffrin, para quem a análise do discurso “estuda não apenas enunciados, mas o modo pelo qual os enunciados (incluindo a linguagem neles empregada) são atividades embutidas na interação social”. (SCHIFFRIN, 1994, p. 415 *apud* MAINGUENEAU, 2007, p. 16)

Assim, num determinado momento trouxeram formas e funções, sistemas e usos, transportando a Análise do Discurso ao conceito de uma superlinguística. Em outro momento as designações eram muito restritivas:

(i) alguns chamam de “análise do discurso” as pesquisas que se inscrevem no âmbito da problemática pela qual se interessam, excluindo do referido âmbito todas as demais. (...) (ii) outros, preocupados em utilizar designações unívocas, constroem uma definição de análise do discurso que não leva absolutamente em consideração a diversidade das pesquisas efetivamente desenvolvidas em seu nome. Poderíamos evocar a esse respeito a interessante distinção estabelecida por Levinson (1983): a análise do discurso constituiria uma das duas grandes correntes da análise das interações orais, ao lado da “análise conversacional”. A análise do discurso, centrada nos atos de linguagem, seria representada por pesquisas como as de Sinclair & Coulthard (1975) ou da Escola de Genebra (Roulet & al., 1985) em suas origens. Essa distinção é sem dúvida pertinente, mas é tão somente uma decisão terminológica. (MAINGUENEAU, 2007, p. 16 e 17)

Outros abordam a análise do discurso como uma ciência que estuda a “gramática de texto”. Tais atribuições não só restringem, como limitam muito a função da análise do discurso que estaria sujeita ao rótulo de ser uma extensão linguística que analisa o texto além da frase.

A grande questão aqui é que, para Maingueneau, há diferença entre “Discurso” e “Análise do Discurso”, apesar de ambas serem pensadas sempre dentro dos mesmos modelos. Até então: *“discurso, identificado mais ou menos vagamente com a atividade contextualizada de produção de unidades transfrásticas, a análise do discurso seria considerada como sendo a disciplina que se ocuparia de tal domínio.”* (2007, p. 18)

Assim sendo, “discurso” estaria na posição de objeto dentro de uma disciplina e é exatamente neste ponto que Maingueneau assume a defesa de que para isso as diversas disciplinas deveriam apresentar um objetivo específico. Ele nos apresenta à Análise do Discurso cujo interesse são dois: o discurso e o lugar social.

O interesse que governa a análise do discurso seria o de apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. (MAINGUENEAU, 2007, p. 18)

Quando Maingueneau aborda “lugar social” refere-se ao posicionamento do enunciador em algum campo discursivo. Para ele, o analista do discurso deve posicionar-se de maneira central, quando trata de gênero do discurso, questionando a composição textual, os papéis sociais do discurso e etc.

Aqui, a noção de “lugar social” não deve, contudo, ser apreendida de modo excessivamente imediato: pode se tratar de um posicionamento em um campo discursivo político, religioso, etc.; pode se tratar também de uma categoria de locutores (as enfermeiras, os imigrantes de determinada origem, por exemplo), etc. (MAINGUENEAU, 2007, p. 19)

Maingueneau sabe que as disciplinas do discurso não trabalham isoladamente, mas se faz necessário que cada uma trabalhe dentro do seu espaço, ou seja, nem toda teoria do discurso faz parte de uma determinada disciplina.

O que fez com que ele escrevesse esse artigo e defendesse sua posição em relação à Análise do Discurso é o fato de encontrar, dentro de tantas ciências, concepções distintas para um mesmo plano. A concepção diferencia-

se de acordo com cada disciplina, que faz uso da Análise do Discurso da forma que lhe é conveniente.

Não desejamos tampouco exagerar a indiferença dos objetos em relação às diversas disciplinas do discurso. Se é certo que não existem “dados” que sejam propriedade exclusiva de uma disciplina, é, contudo, inegável que cada disciplina possui objetos preferenciais. (MAINGUENEAU, 2007, p. 20)

Maingueneau segue sua defesa pontuando e informando que é de grande importância que exista uma distinção entre: *linguística do discurso e disciplinas do discurso*, para que se estructurem os espaços entre elas.

Seguindo com seu trabalho, Maingueneau cita em seu artigo, dentre tantos autores, D. Schiffrin e sua obra “*Approaches to discourse*” (1994), ela apoia-se no “*enunciado como interação social*”. Por outro lado, temos os estudos de S. Titscher et al (2000), intitulado “*Methods of Text and Discourse Analysis*”, salientando que suas pesquisas são apenas abordagens e que ambas traçam uma linha de pesquisa um tanto questionável, uma vez que partem de vários autores para traçarem planos que nem sempre serão articulados de forma sustentável, já que existem várias linhas de pesquisa.

De acordo com esse procedimento, nada parece poder conter a proliferação das “abordagens”. De um ponto de vista didático, esse modo de apresentação é cômodo (aliás, as obras de Schiffrin e Titscher & al. são manuais), mas ele induz uma certa concepção dos estudos sobre o discurso: a de um vasto mercado no qual se exerce uma concorrência generalizada, onde cada produtor propõe sua «abordagem» a pesquisadores que fazem sua escolha em função de suas necessidades. (MAINGUENEAU, 2007, p. 24)

Maingueneau não desconsidera as abordagens, mas acredita que elas podem não ser uma boa influência para aqueles que fazem uso delas de acordo com seus interesses e não buscam, de certa forma, construir suas pesquisas/abordagens utilizando os recursos já existentes sobre a Análise do Discurso.

A esses “recursos” comuns devemos acrescentar os pressupostos teóricos compartilhados por uma grande quantidade de especialistas do discurso: a linguagem como

atividade, a contextualidade radical do sentido, o caráter interativo da comunicação verbal, etc. É inevitável que esses pressupostos se tornem objeto de discussão, mas sem eles não haveria um espaço comum de pesquisa. (MAINGUENEAU, 2007, p. 20)

O que de fato conta aqui é que Maingueneau quer, de certa forma, trazer a discussão de como são realizadas as pesquisas sobre os discursos, sobre a Análise do Discurso e que esse é um assunto repleto de meandros que ao longo dos anos, com o avançar das pesquisas, vão tomando seu espaço e fazendo com que cada vez mais pesquisadores, como ele, atentem-se para a essa realidade, que a Análise do Discurso não é um assunto acabado mas, que ainda há muito que ser pesquisado, analisado, descoberto.

Resumidamente, Maingueneau diz que essas pesquisas sobre discurso implicam numa interação permanente sobre dois grandes princípios.

(i) em primeiro lugar, agrupamentos por disciplinas do discurso e por correntes (integradas ou não em uma disciplina). Os pesquisadores aí compartilham um determinado número de postulados e de “recursos” conceptuais e metodológicos, ainda que nem todos compartilhem os mesmos; (ii) em segundo lugar, um agrupamento por territórios, o qual pode ser realizado em dois níveis distintos: agrupamentos de linguistas do discurso que não pertencem às mesmas correntes ou disciplinas; agrupamentos entre linguistas do discurso e pesquisadores de outros domínios. (MAINGUENEAU, 2007, p. 28 e 29)

E apesar disso tudo, ainda há uma paisagem confusa e instável, uma vez que muitos trabalhos não estão ligados a nenhum segmento/corrente de pesquisa. Esses agrupamentos também não se isentam de problemas, o que pode dar a ideia de que cada pesquisador faz parte de um determinado grupo.

Em trabalhos anteriores, Maingueneau enfatizou bem a abordagem sobre a heterogeneidade da análise do discurso, dividida em dois procedimentos: *analítico* e *integrativo*. O primeiro tem o objetivo de fazer aparecer nos textos redes de relações invisíveis entre enunciados. O integrativo tem o objetivo de articular os componentes da atividade discursiva, na dimensão social e textual.

Essa distinção entre procedimentos analítico e integrativo pode ser simultaneamente afinada e estendida, considerando que os analistas do discurso lidam com dois grandes tipos de unidades: tópicas e não tópicas. (MAINGUENEAU, 2007, p. 20)

Podem ser explicitadas as diferenças das duas unidades: as tópicas que estão classificadas em duas diferentes unidades: Territoriais e Transversal. A distinção entre ambas é descrita da seguinte forma:

Unidades territoriais são os espaços já delineados às práticas verbais, englobando um determinado número de gêneros do discurso, atuando em áreas como administração, publicidade, ou seja, gêneros definidos em práticas verbais instituídas.

Tipos e gêneros de discurso são tomados numa relação de reciprocidade: todo tipo é um agrupamento de gêneros, todo gênero só se define como tal por pertencer a um determinado tipo. A noção de tipo de discurso também é heterogênea; trata-se, com efeito, de um princípio de agrupamento de gêneros que pode corresponder a pelo menos duas lógicas distintas: (i) a lógica do copertencimento a um mesmo aparelho institucional; (ii) a lógica da dependência em relação a um mesmo posicionamento. Não é a mesma coisa falar de “discurso do hospital” e de “discurso comunista”. (MAINGUENEAU, 2007, p. 30)

São denominadas como unidades transversas porque atravessam os textos que pertencem a múltiplos gêneros do discurso, assim sendo Maingueneau se refere a registros que definem-se a partir de critérios linguísticos de forma comunicacional ou funcional:

- (i) os registros definidos em bases linguísticas podem ser de ordem enunciativa, como é o caso da famosa tipologia estabelecida por E. Benveniste (1966) entre “história” e “discurso”, a qual foi complexificada a seguir, em particular por J. Simonin-Grumbach (1975) ou Jean-Paul Bronckart (Bronckart & al., 1985). Existem ainda tipologias fundadas em estruturas textuais, como é o caso das “sequências” de Jean-Michel Adam (1999);
- (ii) outros registros se assentam em critérios *funcionais*, como o célebre esquema das seis funções de Jakobson; há, contudo, outros que procuram classificar os textos postulando que a linguagem é diversamente mobilizada segundo cumpra tal ou

qual função dominante: lúdica, informativa, normativa, ritual, etc.;

(iii) finalmente, outros registros combinam traços linguísticos, funcionais e sociais para constituir registros de tipo *comunicacional*: “discurso cômico”, “discurso de vulgarização”, “discurso didático”, etc. Ainda que tais registros invistam determinados gêneros privilegiados, eles não podem neles se fechar. A vulgarização, por exemplo, é a finalidade central de certas revistas ou manuais, mas ela também se atualiza nos telejornais, na imprensa cotidiana, nas interações ordinárias, etc. (MAINGUENEAU, 2007, p. 31)

As unidades não tópicas são construídas de forma independente por pesquisadores que não apresentam ligação preestabelecida, diferenciando das unidades territoriais e como seus enunciados estão diretamente ligados na história e isso as distingue das unidades transversas.

Formação Discursiva: Neste tópico Maingueneau faz uma ressalva, apresentando seu objetivo, que é rever o termo “formação discursiva” quando tratar de discursos cujas fronteiras precisam ser estabelecidas por pesquisadores, como é o caso dos discursos pós-colonial, discurso patronal e etc, fazendo distinção de Foucault, Haroche, Henry e Pêcheux, já que não especificam as relações entre “formação discursiva” e “gênero do discurso”, pois sempre finalizam enfatizando que se trata de sistemas de determinação inconsciente.

Com efeito, esses autores não especificam as relações entre formações discursivas e gêneros de discurso, deixando recair a ênfase no fato de se tratar de sistemas de determinações inconscientes da produção discursiva em um lugar e em um momento dados. (MAINGUENEAU, 2007, p. 20)

Os percursos: Maingueneau, neste momento e mais uma vez, enfatiza seu discurso para que os pesquisadores da AD trabalhem um conjunto discursivo específico para não caírem no engano e trabalharem a análise puramente linguística, porque ele enfatiza que as interpretações se apoiam no interior do interdiscurso e se faz necessário analisar o que se deseja ao trabalhar a AD.

É dado a todos os pesquisadores da Análise do Discurso o direito de construir seus corpos de diversas ordens, extraíndo dos interdiscursos sem

precisar construir espaços de coerência, assim podemos traçar nosso percurso com base na análise de textos diversos.

Maingueneau também observa que cabe ao analista delimitar sua área de atuação sem se deter tanto as distâncias que separam as unidades tópicas e não tópicas.

Dentre essas unidades, as que mais facilmente atraem suspeita são evidentemente as unidades não tópicas: “formações discursivas” e “percursos”. Com efeito, elas não são estabilizadas por propriedades que definem fronteiras pré-delimitadas (seja qual for a origem desse recorte): o princípio que as agrupa encontra-se essencialmente a cargo do analista. Não se deve, contudo, exagerar a distância que separa as unidades tópicas e as não tópicas. Por um lado, pouco importa que as unidades tópicas sejam de um certo modo pré-delimitadas, uma vez que elas colocam múltiplos problemas de delimitação, como sempre ocorre nas ciências humanas ou sociais. Por outro lado, existe um conjunto de princípios e de técnicas que regulam esse tipo de atividade hermenêutica. É verdade que essas “regras da arte” permanecem quase sempre implícitas, que elas são adquiridas por impregnação, mas podemos presumir que, com o tempo, a construção das unidades será cada vez menos deixada ao capricho dos pesquisadores. (MAINGUENEAU, 2007, p. 33 e 34)

Maingueneau finaliza seu tópico informando que devemos entender que não há análise do discurso sem unidades tópicas e ao mesmo tempo, limitar a Análise do Discurso apenas a essas unidades é o mesmo que recusar a realidade do discurso que é trabalhado pelo interdiscurso.

A sociedade é percorrida por um agregado de palavras com poder de ação difuso, que atravessam numerosos espaços de discursos. É preciso, pois, que aceitemos a instabilidade de uma disciplina que é habitada por uma falha constitutiva. Parece impossível chegar a uma síntese entre um procedimento assentado em fronteiras e uma abordagem que desfaz essas fronteiras: a abordagem que consiste em desfazer fronteiras alimenta-se dos limites que caracterizam o procedimento de estabelecimento dessas mesmas fronteiras. Entre ambos verifica-se uma assimetria irreduzível. O sentido é fronteira e subversão da fronteira, negociação entre lugares de estabilização da fala e forças que excedem toda e qualquer localidade. (MAINGUENEAU, 2007, p. 34)

2.2. A Semântica Global.

No estudo da Semântica Global, Dominique Maingueneau (2008) tem o objetivo de integrar os discursos no mesmo momento, na ordenação do enunciado assim como da enunciação. Em Análise do Discurso há uma necessidade de se distinguir o que é fundamental do que é superficial. O que inicialmente visa a AD é a significância discursiva em seu conjunto. E, apesar de saber que os planos aqui escolhidos não condizem com o “esquema construtor” global, Maingueneau quer apenas ilustrar a variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global: *Intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto do enunciador e do destinatário, as dêixis enunciativas, o modo de enunciação, o modo de coesão*.

A nossa pesquisa fará uso apenas dos quatro primeiros planos da semântica Global (*Intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto do enunciador*), por entendermos que eles suprem, neste momento, as nossas dúvidas e nos fazem compreender o *corpus* desta pesquisa.

2.2.1. Intertextualidade

O surgimento do conceito de Intertextualidade aconteceu em 1960, apresentado pela francesa Julia Kristeva, conceito esse baseado nas pesquisas do dialogismo bakhtiniano, afirma que cada texto já é por si um intertexto que já foi escrito ou que será. (KOCH, 2012, p.36).

De acordo com os estudos de Bakhtin (*apud* KOCH, p.9), um texto dialoga com outros, por isso que um não pode ser avaliado nem tampouco compreendido sem que haja esse diálogo.

[...] o texto só ganha vida em contato com outro texto (com cotexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos... por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas” (BAKHTIN, 1986, p.162)

Kristeva afirma que um texto é construído como um mosaico de citações, sendo assim a absorção e a transformação de um outro texto. Dentro dessa

perspectiva encontramos a linha de estudo de Greimas (Greimas apud Koch, 2012, p.14).

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos que existiram ou existem em redor do texto considerado, e por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis. (GREIMAS apud KOCH, 2012, p. 14).

Maingueneau (2008), em suas amostras nos apresenta alguns significados do termo intertextualidade:

- Intertextualidade envia tanto a uma propriedade constitutiva de todo texto, como ao conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto mantém com outros textos;
- Intertextualidade, que supõe a presença de um texto em um outro (por citações, alusão...). (MAINGUENEAU, 1998, p.87).

Para ele, *“um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição”*. (MAINGUENEAU apud KOCH, 2012, p.14.)

Nas apresentações, Maingueneau define como dois, os tipos de intertextualidade: *Intertextualidade interna*, quando o discurso “conversa” com outro discurso do mesmo campo, com possibilidade de discordância na questão semântica e *Intertextualidade externa*, quando o discurso relaciona-se com outros campos, havendo ou não citação destes enunciados. BRANDÃO afirma que *“essas distinções mostram que não há campo discursivo insular, que o universo discursivo é dotado de uma intensa circulação de uma região do saber para outra.”* (2011, p. 94, 95).

Para Guespin, classificar um texto dentro da “*teoria da enunciação*” ou da “*teoria do discurso*” vai depender do ponto que analisarmos o texto, ou seja, se pelo viés da estruturação linguística, fazendo dele um enunciado ou se analisaremos as condições de produção do texto, transformando-o em discurso. Esses conceitos só se dão devido às considerações obrigatórias das condições de produção. (GUESPIN apud ORLANDI, 2006, p.68).

Falaremos mais sobre as *condições de produção* dentro da análise do discurso, por entendermos que este também é um fator importante para abordarmos em nossa pesquisa, uma vez que a letra de música “*Nunca Serão*”, que será analisada no próximo capítulo, também nos permitirá trabalhar tal abordagem.

2.3. Condições de Produção dos Discursos

Para a Linguística Textual, na amostra de Orlandi (2006), o contexto é o que segue cada elemento do texto. Na Teoria da Enunciação, essa exterioridade, os interlocutores e o contexto de situação, relacionam-se em seu ato de enunciação.

Em Análise do Discurso (AD), essa exterioridade se dá além dos limites do texto e convoca o contexto, que será o sócio-histórico e não mais o situacional. Aqui, os interlocutores são sujeitos historicamente determinados, interpelados ideologicamente. De acordo com Orlandi:

As condições de produção de um texto relacionam este texto a sujeitos históricos, que se identificam como uma formação discursiva, e estão inscritos em lugares sociais, construídos ideologicamente. (ORLANDI, 2006, p. 45)

Concordamos com Orlandi ao entendermos que em análise do discurso, não teremos mais o *indivíduo* (teoria da enunciação), mas o *sujeito social*, cujo dizer é regido pelo inconsciente e identificado com uma ideologia. Em AD, como cita Orlandi (2006), o texto não está fechado nele, pois estabelece relações com o contexto, com outros textos e outros discursos.

Ainda nas amostras de Orlandi (2006), na análise do discurso, a intertextualidade não tem como alvo somente o texto na sua origem, mas também para futuros textos que terão como base o mesmo sentido.

Foi Pêcheux (*apud* BRANDÃO, 2011, p.44), quem tentou fazer a primeira definição geral da noção de condição de produção, inscrevendo a noção no esquema “informacional” da comunicação elaborado por Jakobson (*apud* BRANDÃO, 2011, p.44); esquema em que, apresentando a vantagem de colocar em cena os protagonistas do discurso e o seu “referente”, permite compreender as condições (históricas) da produção de um discurso. Aqui o

objetivo é ver os protagonistas do discurso na representação de *“lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares cujo feixe de traços objetivos característico pode ser descrito pela sociologia”* (p. 44).

Em consonância com Jakobson, nos estudos de Foucault (*apud* BRANDÃO, 2011, p. 37), observamos algumas de suas diretrizes para análise do discurso: o discurso não pode mais ser analisado, apenas, linguisticamente, uma vez que funciona no campo discursivo como jogo onde há ação e reação, mesmo porque ele é gerador de poder.

[...] o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que vincula (o saber institucional), é gerador de poder. (BRANDÃO, 2011, p. 37)

2.4. O Vocabulário

Para a Análise do Discurso, “vocabulário” é descrito por Charadeau e Maingueneau como:

[...] o funcionamento das palavras no discurso que interessa essencialmente aos analistas. Os vocábulos, isto é, as unidades lexicais realizadas em um discurso – em oposição aos lexemas que são unidades virtuais – constituem, nesta perspectiva, um dado observável pertinente. Na observação de discursos especializados – e até de vulgarização – o exame dos vocábulos ligados ao domínio é incontornável. (Charadeau e Maingueneau, 2012, p.495).

Aqui, Maingueneau nos explica que em determinados discursos, como o de uma receita médica, o vocabulário pode não ser conhecido por seu coenunciador e isso pode causar algum problema se for interpretada de maneira errada. Por isso, é importante ressaltar que a distinção léxico/vocabulário é importante na relação língua e discurso.

Nos estudos de Maingueneau (2008), entendemos que o uso do mesmo vocabulário/da mesma palavra, pode ser utilizado de muitas maneiras, dentro de diferentes discursos e sua compreensão se dá de acordo com o arcabouço intelectual do destinatário.

Concordamos quando lemos que as palavras têm vida...

[...] elas se vestem de significados, fazendo do discurso o salão, onde as palavras se cristalizam ao mesmo tempo. [...] a raiz de tudo é mesmo a palavra, a linguagem verbal que, enquanto ação humana, constrói/reconstrói/destrói realidade.” (BACCEGA, 2007 p.7)

A autora nos afirma, também, que a linguagem deve ser entendida de maneira diferenciada quando o objetivo é enfrentar as questões discursivas, ou seja, a linguagem não é apenas um exercício de significações, porque essas significações se deslocam e isso se dá dentro de um sentido que é social e histórico.

2.5. Os Temas

Para Maingueneau (2008), a discussão sobre a noção de tema é muito delicado, não havendo uma norma precisa. Não basta classificar “tema” de forma vaga como “aquilo que um discurso trata”. O conjunto da temática tem seu desdobramento a partir do tema, tendo assim uma participação em todos os pontos do texto. Para o autor, o mais importante é o tratamento semântico dado ao tema. Ele também nos esclarece que discursos contrários compartilham de alguns pressupostos que permitem a oposição entre eles, dentro de um mesmo campo.

Os dois sistemas de restrições semânticas têm exatamente que construir temas de maneiras divergentes, essa divergência pode ser simplesmente relativa, já que eles estão imersos em um universo a priori amplamente aceito por ambas as partes. (MAINGUENEAU, 2008 p.82).

De acordo com Pêcheux (*apud* FANTINI, 2013, p.43), “o tratamento dado a um tema diferencia-se no interior das diferentes formações discursivas”, ou seja, o mesmo tema sendo tratado por discursos diferentes que se convergem em relação ao posicionamento.

No caso do discurso de Gabriel O Pensador, quando em sua letra “Nunca Serão” trava um diálogo com capitão Nascimento, personagem do filme “Tropa de Elite”, ocorre que os dois discutem sobre um mesmo “tema”, as falas se convergem, mas no momento do diálogo ocupam posições diferentes na

sociedade. Esse entendimento ficará mais claro quando analisarmos o *corpus*, no próximo capítulo.

No tópico a seguir, faremos uma apresentação sobre, o que também consideramos importante neste trabalho de pesquisa, a *formação ideológica* e a *formação discursiva*.

2.6. Formação Discursiva

Seguimos com as amostras de Brandão (2011), que nos explica que é “*no discurso que a materialidade ideológica se concretiza*” (p. 39), ou seja, é um dos aspectos materiais da “existência material” das ideologias. Ao analisarmos a articulação da ideologia com o discurso, temos que colocar dois conceitos já tradicionais da AD: formação ideológica (FI) e formação discursiva (FD).

Em Pêcheux (*apud* BRANDÃO, 2011, p.46), o que interessa à AD é a superestrutura ideológica ligada ao modo de produção dominante na formação social considerada. Ideologia caracteriza-se aqui como uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica.

O funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como “determinado em última instância” pela instância econômica na medida em que ele aparece como uma das condições (não-econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica. (BRANDÃO, 2011, p. 46)

Brandão (2011) nos apresenta em suas amostras, que na reprodução das relações de produção, uma das formas pela qual a instância ideológica funciona é a da “*interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico*”, fazendo com que o sujeito, pensando ser senhor de sua própria vontade, ocupe lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. Brandão afirma que essas classes mantêm relações que são reproduzidas continuamente e garantidas materialmente pelo que Althusser denominou AIE (aparelho ideológico econômico), “*colocando em jogo práticas associadas a lugares ou relação de lugares que remetem à relação de classe*”.

Num determinado momento histórico as relações de classe podem caracterizar-se pelo afrontamento de posições políticas e ideológicas que se

organizam com objetivo de formar alianças contrárias ou de dominação. (Brandão, 2004).

Essa organização é definida por Haroche (*apud* BRANDÃO, 2004, p.47) da seguinte forma:

Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto de luta nos aparelhos) susceptível de intervir como força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras. (BRANDÃO, 2004, p.47)

Como sabemos que o discurso é uma das características materiais de ideologia, pode-se afirmar, segundo Brandão (2004), que o *“discurso é uma espécie pertencente ao gênero ideológico”*, ou seja, a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas.

2.6.1. – O Estatuto do Enunciador e do coenunciador

Maingueneau (2008) aborda no plano da semântica global que um enunciador, quando pretende legitimar seu dizer ao seu destinatário, é preciso que exista competência discursiva para que a variedade da subjetividade enunciativa possa definir seu estatuto, ou seja, o enunciador e o coenunciador devem estabelecer relação entre eles, legitimando o discurso. O enunciador espera que seu coenunciador não seja passivo, apenas ouvinte.

Bakhtin (1992), também apresenta em suas amostras que o coenunciador passa a ter uma posição responsiva porque conhece e reconhece os significados do discurso e a partir desse momento ele pode concordar ou não, ou seja, responder ao enunciador dentro de um contexto significativo para ambos.

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é premente de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 1992, p. 57)

Para Bakhtin (1992), o enunciador sempre espera uma ação de seu co-enunciador e não uma atitude passiva, isto é, espera respostas que concordem, participem, executem, etc.

[...] porque ele não é o primeiro enunciador, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema de língua que usa mas, também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 1992, p. 60)

Os enunciados, segundo Bakhtin (1992), não se bastam e nem são indiferentes; se conhecem e se refletem, uns nos outros. Consta também nas amostras do autor que o enunciado é um elo na comunicação, ou seja, cada enunciador criará seu discurso dentro de um conteúdo semântico, que ele mesmo escolhe de acordo com suas ideias, buscando o objetivo e o sentido. Para Bakhtin (1992. P. 62), *“a oração é o elemento significativo do conjunto de um enunciado”*.

Quando analisarmos o discurso da letra de música “Nunca Serão” – Gabriel, o Pensador, entenderemos como cada enunciador elabora seu discurso e como acontece a resposta do outro (co-enunciador), análise a ser realizada no próximo capítulo.

CAPÍTULO III –

A PESQUISA: A ANÁLISE DO DISCURSO DE GABRIEL, O PENSADOR

Neste capítulo realizaremos a análise dos recortes da letra de música, e a mesma se dará pela perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, apresentando o que essa corrente aborda sobre discurso, intertextualidade e etc. Discurso da letra de música “Nunca Serão” – Gabriel, O Pensador, do álbum (cd) “Sem Crise”, lançado no ano de 2012.

No decorrer deste primeiro e dos demais recortes, apresentaremos o vocabulário, significado de algumas palavras do discurso por acharmos pertinente registrá-las, a fim de facilitar a compreensão de muitos que por algum motivo, possam não conhecer alguns desses vocabulários escolhidos pelo autor em seu discurso. E porque sabemos que discurso é poder.

[...] o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que vincula (o saber institucional), é gerador de poder. (BRANDÃO, 2011, p. 37)

De acordo com as amostras de Maingueneau (2008):

[...] o funcionamento das palavras no discurso que interessa essencialmente aos analistas. Os vocábulos, isto é, as unidades lexicais realizadas em um discurso – em oposição aos lexemas que são unidades virtuais – constituem, nesta perspectiva, um dado observável pertinente. Na observação de discursos especializados – e até de vulgarização – o exame dos vocábulos ligados ao domínio é incontornável. (Charaudeau e Maingueneau, 2012, p.495).

Por este motivo, em nossa pesquisa faremos um trabalho com vocabulário por que entendemos que as palavras escolhidas por Gabriel para compor seus discursos não são feitas de maneira inocente, mas com objetivo de fazer com que seu coenunciador possa compreender e aderir ao se discurso. Essas palavras classificam-se como: gírias, palavrões, palavras conhecidas apenas por pessoas que habitam numa determinada região

(regionalismo). Isso se faz necessário porque acreditamos que Gabriel, o Pensador tenha muitos fãs e admiradores que nem sempre estarão inseridos no contexto do hip hop, tampouco na realidade do Rio de Janeiro, como retrata em seu discurso – “Nunca Serão”. Analisaremos nos recortes da letra de música “Nunca Serão” as observações referentes ao que já apresentamos em nossa fundamentação teórica.

QUADRO 1 - Recorte I - “Nunca Serão”

Eu caminhava no meu Rio de Janeiro quando alguém me parou e falou:
 "Aê parceiro, me dá tua mão que eu quero ver se tá com cheiro
 Porque eu sou um cara honesto e detesto maconheiro"
 Eu tinha acabado de sair do banheiro e dei a mão pra ele cheirar
 Mas foi uma cena bisonha
 Ele cheirou a minha mão por um tempo e eu disse:
 Espera, tu não é o Capitão Nascimento?
 Que vergonha, meu capitão
 Procurando maconha no calçadão
 Qual é a tua missão?
 Eu vi teu filme, mas não me leva a mal
 Não me tortura assim não que eu sou um cara legal
 Em certas coisas eu concordo contigo
 Mas não é assim que você vai achar os grandes bandidos
 Esse país tá fodido

Primeiramente analisaremos o título “Nunca Serão”, em seguida os demais recortes serão analisados também do ponto de vista do vocabulário, com destaque para alguns significados importantes, conforme segue e análise do discurso.

Vocabulário – Título.

Nunca: adv.: Em tempo algum; Jamais. 2. Não. 3. De maneira nenhuma – ou seja, nos remete a algo negativo, sem perspectiva de absolutamente nada.

Serão: Verbo ser, no modo indicativo, tempo futuro, na terceira pessoa do plural. Aqui, Gabriel não deixa claro, através do tema, qual assunto ele abordará.

Análise do Título.

O leitor/ouvinte pode ter uma ideia do que trata a letra, mas, para isso ele deverá conhecer o autor, saber um pouco sobre o ritmo hip hop, ao qual o compositor/enunciador faz parte, ou seja, conhecer todo contexto no qual Gabriel cria seus discursos, a realidade do Brasil, da cidade do Rio de Janeiro, a realidade das comunidades e da vida das pessoas menos favorecidas do ponto de vista socioeconômico dentro da realidade carioca ou fluminense.

Vocabulário – Recorte I.

Maconheiro: a. 1. Bras. Diz-se de quem é viciado em maconha, ou faz uso dela; quem vende maconha sm. 2. Aquele que é viciado em fumar maconha, ou faz uso dela; vendedor de maconha. (GEIGER, 2012, p. 875).

Bisonha: acanhado, calado, inexperiente, novato⁶.

Maconha: sf. 1. Produto preparado com folhas, flores e ramos de cânhamo (*Cannabis sativa*), secos e cortados e que, fumado ou (mais raramente) ingerido, provoca efeito entorpecente alucinógeno em virtude do seu componente ativo, o tetraidrocanabinol; BAGULHO; ERVA; FUMO; MARIJUANA. (GEIGER, 2012, p. 875).

Calçadão: sm. 1. Bras. Calçada ou passeio largos e extensos, ger. Em zona turística ou de beleza paisagística, onde se podem fazer caminhadas de lazer ou esportivas. (GEIGER, 2012, p.262).

Cara: 8. Bras. Gír. Indivíduo qualquer, pessoa (homem ou mulher) de quem não se diz ou não se sabe o nome. (GEIGER, 2012, p.283).

Legal: 3. Palavra pop. Palavra-ônibus us. Para qualificar pessoa ou coisa positivamente: bonito (sandália legal), compreensivo (pai legal), correto (atitude legal), leal (amigo legal). (GEIGER, 2012, p. 875).

Bandidos: sm. Pessoa que comete crimes; delinquente, fascínora, marginal. 2. Pessoa de má índole, perversa, má. Mau-caráter; patife; pilantra (p.200)

Fodido: adj (part de foder) ch 1 Que se fodeu. 2. Mal de vida; arruinado, desesperado. Fodido e mal pago: que se saiu mal⁷.

⁶ (www.dicio.com.br)

⁷ *Idem à nota anterior.*

Análise – Recorte I

Gabriel inicia a primeira estrofe apresentando uma cena corriqueira da cidade do Rio de Janeiro, um cidadão é parado por policial enquanto caminha no calçadão, o policial exige que ele apresente as mãos, esse pedido faz parte do cumprimento de uma abordagem policial ao revistar cidadãos que aparentam comportamento suspeito.

O policial pede para cheirar a mão do indivíduo, com objetivo de saber se ele estaria portando algum tipo de droga e ao mesmo tempo Gabriel, que é o personagem em questão (pois inicia a letra com o pronome “Eu”), consegue reconhecer que o policial que o aborda é o Capitão Nascimento, personagem do filme “Tropa de Elite” e por demonstrar espanto, questiona-o sobre sua ação, ali no calçadão, uma vez que ele é o “Capitão Nascimento”, homem que trabalha para cumprir as leis deste país e ao fazer uma relação com o filme, Gabriel nos apresenta a intertextualidade, ou seja, trouxe para o seu discurso outro discurso, o discurso utilizado no filme “Tropa de Elite” e isso ficará mais expressivo nas estrofes abaixo.

Ele pede ao policial para não ser torturado, por ser um “cara legal” e que ali no calçadão, o policial não encontrará os grandes bandidos, referindo-se aos poderosos que podem estar em muitos dos segmentos sociais, mandando e desmandando, os responsáveis por toda desordem social. Para os que já assistiram ao filme “Tropa de Elite I e II”, pode-se entender que esse é um discurso que veio do discurso do personagem Nascimento, não com essas mesmas palavras.

Finaliza a estrofe com uma afirmação – “Esse país tá fodido”, afirmando que o Brasil, não só a cidade do Rio de Janeiro, está arruinado.

Gabriel, O Pensador traz a realidade de um determinado lugar, cidade do Rio de Janeiro, mas sabe que essa realidade não faz parte somente daquela cidade e sim de muitas outras cidades do Brasil.

Neste discurso, temos dois cidadãos que estão dentro do contexto histórico social, com suas gírias, palavrões e ambos sabem o lugar que ocupam e o que deve ser feito dentro de cada perspectiva social – o policial, na sua abordagem (exercendo sua função/trabalho no dia a dia nas ruas do Rio de Janeiro) – o cidadão Gabriel, ao ser abordado (obedece a ordem do cidadão fardado no cumprimento de seu trabalho). Segundo Orlandi:

As condições de produção de um texto relacionam este texto a sujeitos históricos, que se identificam como uma formação discursiva, e estão inscritos em lugares sociais, construídos ideologicamente. (ORLANDI, 2006, p.69)

QUADRO 2 - Recorte II

Ele falou: 'Eu sei disso
Quando eu entrei na PM, eu assumi um compromisso, eu luto pela justiça' Eu também
Sem justiça não tem paz e sem paz eu sou refém
A injustiça é cega e a justiça enxerga bem
Mas só quando convém
A lei é do mais forte, no Bope ou na Febem
Na boca ou no Supremo
Que justiça a gente tem, que justiça nós queremos?

Vocabulário – Recorte II.

Refém: 1. A vítima de sequestro, aquele ou aquela cuja liberdade e integridade física ficam condicionadas, em geral, ao cumprimento de certas exigências ou reivindicações feitas por quem (pessoa ou grupo) a capturou. (GEIGER, 2012, p.1173).

Boca: 21. Bras. Gír. Boca de fumo. 22. Bras. Gír. Local de malandragem. (GEIGER, 2012, p.227)

Supremo: sm. O Supremo Tribunal Federal, tribunal de alçada máxima no Brasil. (GEIGER, 2012, p.1298).

Análise – Recorte II.

O personagem Capitão Nascimento, inicia o discurso concordando com o cidadão Gabriel, O Pensador. Afirmar sua posição de PM (Policial Militar) informando que assumiu o compromisso de lutar pela justiça. Por sua vez, Gabriel também afirma lutar por justiça para não se tornar refém da falta dela. Afirmar que a injustiça é cega – referindo-se aos casos que impunidade que ocorrem no país e são apresentados pelos meios de comunicação, mas cuja justiça que vê e sabe dessas impunidades e finge não ver porque os casos, na sua maioria, nunca finalizam com a prisão dos envolvidos e sempre alegam faltam de provas, falta de material concreto para sustentar a acusação e etc.

Gabriel segue seu discurso afirmando que o modo de se fazer justiça no país diferencia-se nas variadas classes, seja no BOPE, na FEBEM, na “boca” (referindo-se aos pontos de droga), no “Supremo” (referindo-se ao Supremo Tribunal Federal).

Ele finaliza não só indagando seu coenunciador (Capitão Nascimento), como também os cidadãos brasileiros, ao questionar o tipo de justiça que nós queremos. Para Maingueneau:

O interesse que governa a análise do discurso seria o de apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. (MAINGUENEAU, 2008 p.45)

De acordo com nossa análise, o que une os discursos aqui é a visão que cada sujeito – Gabriel e Capitão Nascimento – tem em relação à questão da justiça e da injustiça no contexto social carioca e Brasileiro.

QUADRO 3 - Recorte III – Refrão

Os corruptos cassados?
Nunca serão!
Cidadãos bem informados?
Nunca serão!
Hospitais bem equipados?
Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!
Os impostos bem usados?
Nunca serão!
Os menores educados?
Nunca serão!
Todos alfabetizados?
Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Vocabulário – Recorte III.

Corrupto: 1 Que se corrompe, corrompido. 6 Aquele que se entrega a corrupção. Pag. 408 dicionário Novissimo Aulete.

Análise – Recorte III.

Sabemos que na composição de uma letra de música existe o refrão, que de acordo com o dicionário, são versos que se repetem muitas vezes e que nenhum compositor faz isso de maneira inocente. Essa intencionalidade está presente em Maingueneau, ao afirmar que *“um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição”* (2008, p. 98).

Gabriel, em sua criação, deixa no refrão palavras que mexem com aqueles que estão lendo a letra de sua composição ou ouvindo a letra na sua música. O discurso retratado no refrão é, muitas vezes, dito pelo cidadão brasileiro ao deparar-se com tantos descasos, com tantos roubos nos cofres públicos, por saber que há denúncias de políticos corruptos e que a justiça, infelizmente, terá uma enorme dificuldade em prender os verdadeiros culpados e por que num determinado momento, para o cidadão brasileiro, fica impossível acreditar que um dia isso vai mudar.

Nesses dois recortes, ele enfatiza que os políticos corruptos deste país “nunca” perderão seus cargos públicos, podendo ficar até afastados, como já vimos em nosso país – como o ex-presidente Fernando Collor de Melo, depois do *impeachment*. Ele cumpriu “pena” por alguns anos sem direito a se candidatar, mas atualmente está no cenário político como Senador do PTB por Alagoas.

Gabriel enfatiza também que povo brasileiro nunca será bem informado e a este “bem informado” entendo que ele se refere aos meios de comunicação que, muitas vezes, também omitem informações importantes para sociedade, por uma questão puramente política.

Seguindo seu discurso, ele afirma que os hospitais nunca serão devidamente equipados para atender às necessidades da população, discorre sobre os impostos que são mal utilizados, os meninos e meninas não serão educados e por conta disso, entendemos nas entrelinhas de seu discurso que o resultado desse descaso educacional resultará no analfabetismo do povo, na limitação intelectual de uma nação.

O Discurso de Gabriel neste refrão reforça o que citamos acima, com as palavras de Maingueneau (2008), um discurso não nasce de maneira inocente,

ele é ideológico e tendencioso, com objetivo de afetar aqueles que estão ligados direta ou indiretamente no contexto, seja ele religioso, social ou político.

Todos nós vivemos no Brasil e sabemos que estes episódios não ocorrem somente no estado do Rio de Janeiro, mas se faz presente em todo país.

QUADRO IV - Recorte IV

Capitão, não sei se você soube dessa história
 Que rolou num povoado peruano se não me falha a memória
 Um político foi morto pelo povo
 Um corrupto linchado por um povo que cansou de desrespeito
 E resolveu fazer justiça desse jeito
 Foi um linchamento, foi um mau exemplo
 Foi um mau exemplo mas não deixa de ser um exemplo
 Eu sou contra a violência mas aqui a gente peca por excesso de paciência
 Com o "rouba mas faz" dos verdadeiros marginais
 Chamados de "doutor" e "vossa excelência"
 Cujos nomes não preciso dizer
 A imprensa publica, mas tudo indica que a justiça não lê
 Diz que é cega, mas o lado dos colegas ela sempre vê
 Capitão, isso é um serviço pra você!

Vocabulário – Recorte IV.

Rolou: De acordo com dicionário, a palavra vem do verbo “rolar” que significa:

2. Fazer avançar uma coisa, obrigando-a a dar voltas sobre si mesma.
3. Cortar em rolos ou toras (uma árvore). 4. Cortar rente (uma árvore).

Verbo intransitivo e pronominal.

5. Avançar, girando sobre si mesmo; rebolar-se.
6. Cair, dando voltas.
7. Redemoinhar, encapelar-se (o mar, as ondas).

No discurso o autor traz na expressão “*rolou*” um significado diferente, ou seja, no contexto da letra, “*rolou*” nos dá a ideia de que algo aconteceu, rolou como acontecimento, configurando-se numa gíria.

Povoado: Que se povoou, em que se formou povoação. 4. Lugar com poucas casas, poucos habitantes; aldeia; lugarejo; povoação; vilarejo. (GEIGER, 2012, p.1095).

Corrupto: Que se corrompeu. 2. Que perdeu alteração (para pior); que perdeu (algumas de suas) qualidades originais, corrompido. (GEIGER, 2012, p. 407).

Linchado: Que se linchou, que foi justificado sem julgamento. (GEIGER, 2012, p. 857).

Linchamento: Ação ou resultado de linchar. 2. Assassínio de um criminoso pela multidão. (GEIGER, 2012, p. 857).

Análise – Recorte IV.

Gabriel apresenta um acontecimento que ocorreu no Peru, no qual um político foi assassinado pelo povo. Ele diz que foi um mau exemplo, mas que não deixou de ser um exemplo, ou seja, quando um povo se cansa da morosidade de sua justiça, ele mesmo faz sua própria justiça, passando por cima das ordens, das leis que o governa, porque muitas vezes já se cansara dos mandos e desmandos de seus representantes e foi exatamente isso que aconteceu num povoado no Peru. Seguindo nossa análise, neste trecho Gabriel também usa expressões que já foram utilizadas por muitos políticos em campanhas eleitorais como “*rouba, mas faz*”, frase proferida pelo político Paulo Maluf em uma de suas campanhas e que ficou na memória do povo. Entretanto, a “filosofia” do “*rouba, mas faz*” iniciou-se com *Ademar de Barros*, nomeado interventor (uma espécie de governador) do estado de São Paulo nos anos de 1938 a 1941, período em que ele fez questão de realizar uma politicagem forte em relação à sua nomeação, agindo como político que faz grandes obras e realiza grandes feitos.

Era o início de uma intensa propaganda, veiculada pelo próprio Ademar e por assessores, que caracterizaria o político. Sua ideia era consolidar a figura de administrador competente, realizador de grandes obras públicas e, devido à sua formação médica, político de preocupação social. Destacava-se a execução de “obras titânicas”, como a construção das rodovias Anchieta, iniciada em 1939, e Anhanguera, em 1940, e do Hospital das Clínicas, que começou em 1938. As obras do Aeroporto de Congonhas teriam se iniciado em 1936, mas a propaganda ademarista divulgava que Ademar teria sido responsável por várias obras e remodelações do aeroporto.

Enquanto a imagem de “político que faz” era consolidada, a de “político que rouba” começava a despontar. (HAIASHI, 2010)⁸

E esses mesmos políticos são chamados de “doutor”, “vossa excelência”, mas nunca são chamados de “ladrão” ou “corrupto” e, apesar de aparecerem nos meios de comunicação, os quais apresentam as denúncias sobre supostas fraudes, a justiça nunca consegue condená-los, isso por que a justiça brasileira, como todo brasileiro sabe, é lenta e os réus usufruem de muitos direitos para recorrerem a instâncias superiores e durante esse processo, muitas vezes, as denúncias são esquecidas, arquivadas e nada acontece. Há casos em que o crime, por sua demora em ser julgado, prescreve, ou seja, perde-se o prazo para solucioná-lo.

E mais uma vez Gabriel coloca o Capitão Nascimento à frente, quando afirma que ele pode, dentro da sua posição profissional, de homem que trabalha a favor da sociedade, combater a corrupção, o tráfico e todas as mazelas sociais.

Entendemos que as palavras são utilizadas socialmente com grande poder, que essas palavras atravessam espaços do discurso e se estabelecem em outros momentos, em outros discursos, como no caso do “rouba, mas faz”, que nasceu dentro de um contexto político, num determinado ano e que políticos como Paulo Maluf já se beneficiaram desse mesmo discurso. Aqui, em seu discurso, Gabriel soube apresentar como existe um jogo de palavras dentro da intertextualidade. Maingueneau (2007) afirma que *“a sociedade é percorrida por um agregado de palavras com poder de ação difuso, que atravessam numerosos espaços de discurso”*

Ao salientar que a sociedade é percorrida por um agregado de palavras com poder de ação difusa, essa ação se refere ao poder das palavras que podem ser utilizadas de muitas formas dentro de contextos diferentes, ou até mesmo dentro de um mesmo discurso. Como exemplo, a palavra “doutor” e “Vossa Excelência” não são palavras utilizadas para se dirigir a pessoas que cometem crimes em geral ladrões, mas quando se trata de se referir a políticos corruptos parece que o que não convém é chamá-los de ladrões, de corruptos.

⁸ Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/rouba-mas-faz>> acesso em 11/12/2013.

QUADRO V - Recorte V

Deputado! Pede pra sair!
 Pede pra sair, deputado!
 Sabe o que você é? Um muleque, é isso que você é
 Senador, pede pra sair!
 (Desisto!)
 Mais alto senador!
 (Desisto!)
 Vagabundo, cadê o dinheiro que você desviou dessa obra aqui?
 (Eu não sei não!)
 Fala, Vossa Excelência, é melhor falar!
 (Eu não sei!)
 Cadê a verba da merenda que sumiu?
 02, o corrupto não quer falar não! Pode pegar o cabo de vassoura!
 (Tá bom, eu vou falar, eu vou falar!)

Vocabulário – Recorte V.

Merenda: Sf. 1. Refeição que as crianças fazem no intervalo das aulas. 2. Refeição leve que se faz entre o almoço e o jantar; lanche.

Análise – Recorte V.

Nos deparamos com o intertexto, um texto que se baseia em outro texto, e aqui o foco é o discurso, utilizado pelo capitão Nascimento no filme Tropa de Elite I, quando o Capitão afronta seus subordinados, pressionando-os psicologicamente para que desistam de seguir sua carreira no BOPE, cujas pressões psicológicas são fortes e o treinamento é muito intenso. Mandam os rapazes pedirem para sair, desistirem, sendo a frase de efeito: “Pede pra sair”.

A tortura, ocorrida no discurso, acontece com um deputado e um senador. Gabriel, ao longo da tortura, relembra que houve desvio de verba de uma determinada obra pública, desvio de verba da merenda e pede para o policial 02, como são nomeados os soldados (por número em suas fardas) para pegar o cabo de vassoura, material utilizado para tortura. Durante a ditadura, no Brasil, esse também era um recurso utilizado pelos torturadores, que inseriam cabos de madeira nos orifícios de seus torturados.

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos que existiram ou

existem em redor do texto considerado, e por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis. (GREIMAS *apud* KOCH, 2012, p. 14).

Neste recorte, reconhecemos que ao utilizar o vocabulário “02, o corrupto não quer falar não! Pode pegar o cabo de vassoura”, Gabriel apresenta ao seu leitor uma sessão de tortura, notamos/percebemos isso porque historicamente, sabemos que o Brasil passou por uma ditadura durante 20 anos e muito se ouviu falar em tortura, nos depoimentos de ex-guerrilheiros que foram torturados na época.

Muitos relataram que os torturadores utilizavam cabo de vassoura para afrontarem os torturados e não só cabo de vassoura, mas muitos objetos e até animais, que eram utilizados para machucar, causar dano físico e psicológico nos torturados.

Gabriel fez uso desse conhecimento histórico para fazer com que o corrupto, mencionado na letra da música, falasse a verdade em troca de não sofrer tal agressão física.

QUADRO VI - Recorte VI – Refrão.

Os corruptos cassados? Nunca serão! Cidadãos bem informados? Nunca serão! Hospitais bem equipados? Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!! Os impostos bem usados? Nunca serão! Os menores educados? Nunca serão! Todos alfabetizados? Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Entendemos que neste recorte também não há necessidade de se explicar o vocabulário e assim seguimos para nossa análise.

Análise – Recorte VI.

Mais uma vez, ocorre o refrão, uso da repetição para validar, legitimar ainda mais a indignação do compositor Gabriel e perpetuar a realidade vivida

na sociedade brasileira, que é o descaso das autoridades. Num jogo de pergunta e responde, ele mesmo nos apresenta “Nunca serão” de maneira afirmativa, imperativa e sem nenhuma chance de discussão. Ao longo do discurso, Gabriel nos apresenta várias “cenas sociais” nas quais o descaso das autoridades está presente, os representantes são omissos e a justiça se faz de cega.

E isso nos remete a fala de Baccega (1943), quando diz que os discursos são feitos com base na vida de seu enunciador, que as pessoas só conhecem aquilo que faz parte de seu cotidiano, de sua realidade. E a música nos apresenta bem isso, com a característica do *Hip Hop* que é a de dar voz aos que não tem condições de falar e apresentar os problemas que afligem a sociedade como um todo.

QUADRO VII - Recorte VII

Conversei com o Nascimento que não pensa como eu penso
mas pensando nós chegamos num consenso
Nós somos vítimas da violência estúpida que afeta todo mundo, menos esses
vagabundos lá da cúpula corrupta hipócrita e nojenta
Que alimenta a desigualdade e da desigualdade se alimenta
Mantendo essa política perversa
Que joga preto contra branco, pobre contra rico e vice-versa
Pra eles isso é jogo, esse é o jogo
Se morre mais um assaltante ou mais um assaltado, tanto faz
Pra eles não importa, gente viva ou gente morta
É tudo a mesma merda
Os velhos nas portas dos hospitais, as crianças mendigando nos sinais
Pra eles nós somos todos iguais
Operários, empresários e presidiários e policiais
Nós somos os otários ideais
Enquanto a gente sua e morre
Só os bandidos de gravata seguem faturando e descansando em paz
Enquanto esses covardes continuam livres, nós só temos grades
Liberdade já não temos mais!

Vocabulário: Recorte VII

Consenso: sm. Concordância de ideias de opiniões. 2 Senso comum. Pg 383

Estúpida: Sem inteligência, sem discernimento. 2 Sem ação, transtornado. Pg 619

Vagabundo: 1 Que é vadio, desocupado. 2 Que vagueia, anda sem destino. 3 Que não presta.

Cúpula: 3 Conjunto de pessoas responsáveis por uma empresa, instituição, partido político, etc... pg 426

Hipócrita: 1 Que simula ter uma qualidade ou sentimento que não tem. Pg 748

Nojenta: 1 Que causa nojo, repugnância. 2 Que se enjoa facilmente. 3 Que se julga superior ao outros.

Análise – Recorte VII

Ao analisar este recorte, deparo-me com um certo desabafo, por parte do enunciador, Gabriel, o pensador. Ele relata que apesar de pensarem de forma diferentes, ambos – ele/enunciador e o Capitão Nascimento/ co-enunciador – chegam a uma conclusão, a de que são vítimas da mesma desgraça social. Desgraça, essa, alimentada por políticos corruptos e por uma justiça que, definitivamente está cega, diante de tantos fatos de descaso social por parte da política brasileira.

Enquanto eles jogam ricos contra pobres, usando preto ao invés de negro; “preto contra brancos” e etc., mantém o povo ocupado, ausente de suas artimanhas políticas, que na maioria das vezes só são sabidas quando algum “corajoso” decide falar ou denunciar.

E a liberdade, que deveria ser para cidadãos honestos e trabalhadores, na visão de Gabriel, o Pensador, não funciona assim. O cidadão de bem está cada vez mais preso em suas casas, sem o direito de ir e vir que é constitucional. A insegurança é geral. Nós somos os “otários ideais”, sem educação de qualidade, sem informação, sem o cumprimento de seus direitos. Ficamos assim, órfãos de princípios, de moral, de cumprimento de justiça.

Podemos afirmar neste recorte que o enunciador, Gabriel, o Pensador consegue obter a adesão de seu coenunciador, Capitão Nascimento, pois entendem que tudo não passa de manobra política. Que a educação, segurança e a saúde, sem contar os outros tantos problemas sociais, só estão

em condições precárias por que os políticos se alimentam da desgraça do povo.

Neste recorte, Gabriel nos apresenta o que Brandão (2004) chama de *superestruturação ideológica ligada ao modo de produção dominante na formação social considerada*. Aqui temos interpelação e assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico.

Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto de luta nos aparelhos) susceptível de intervir como força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto compelho de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras. (BRANDÃO, 2004, p.47)

Dentro das amostras de Maingueneau (2008) encontramos neste recorte o que ele chama de “*intertextualidade interna*”, ou seja, o discurso – Gabriel, o Pensador – conversa com outro discurso – Capitão Nascimento – do mesmo campo, mesmo que exista discordância entre esses discursos. Neste caso, Gabriel e Capitão Nascimento chegam a um consenso. Apesar de estarem em campos diferentes, com ideologias diferenciadas, também são cidadãos e vítimas desse jogo político.

QUADRO VIII - Recorte VIII

Nunca serão!
 Nunca serão!
 Nunca serão! Nunca serão !! Nunca serão !!!
 Nunca serão!
 Nunca serão!
 Nunca serão! Nunca serão !! Nunca serão !!!
 Boa 06, também atirando com o meu fuzil fica fácil, né?
 Caveira!

Vocabulário Recorte VII.

Caveira: 4. Fig. Gír. Indivíduo qualquer. 5 Bras. Gír. Mar. G. Guarda, sentinela. (GEIGER, 2012, p.304).

Análise – Recorte VII.

Gabriel, o Pensador finaliza seu discurso enfatizando a frase “Nunca Serão” como uma forma de afirmar o que escreveu ao longo do seu discurso letra de música “Nunca Serão”. Numa necessidade de ir e voltar, de se fazer explícito e ao mesmo tempo real, como se não houvesse mais nenhuma dúvida de suas colocações e afirmações.

Ao citar *“Boa 06, também atirando com o meu fuzil fica fácil, né? Caveira!”*

Gabriel, o Pensador apresenta ao seu coenunciador que, no final, alguém acabará fazendo justiça e que essa seja realizada através da justiça, pela própria polícia/BOPE. Uma vez que nossos direitos “Nunca Serão” concretizados. “Caveira” refere-se ao símbolo que está exposto nos carros utilizados pela polícia do BOPE, conhecidos como “Caveirão”, símbolo este que impõe respeito e que qualquer criminoso, ou morador do Rio de Janeiro, sabe que se o caveirão subir o morro/comunidade/favela é porque não sairá de lá sem realizar a sua função.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Maingueneau cita em suas amostras que *“um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição”* (apud KOCH, 2012, p. 14), ele nos apresenta que os discursos permeiam outros discursos e só entendemos essa dinâmica quando decidimos nos debruçar nas pesquisas e entender melhor essa relação.

Entendemos que para compreender melhor um texto se faz necessário buscar mais sobre ele, obter um conhecimento prévio, para que nossa compreensão possa fazer sentido. O enunciador precisa, antes de mais nada, saber qual sua posição dentro do seu contexto social, suas ações e para qual público ele formaliza seu discurso.

No caso do compositor Gabriel, o Pensador, seu discurso perpassa a ideologia do *Hip Hop*, gênero musical ao qual faz parte. Gabriel busca, em suas letras de música, em seus discursos, trazer a realidade de um país cujas condições sociais são precárias e onde paira, em muitos segmentos sociais, o descaso das autoridades.

Gabriel, em seus enunciados, apresenta-se como cidadão que está inserido dentro do contexto histórico e social, o qual ele aborda em suas letras. Escreve para apresentar ao Brasil que existem segmentos sociais que estão à margem da sociedade, cidadãos sem direito a voz, que encontram em seu discurso uma bandeira a favor deles.

A intertextualidade acontece nas linhas e nas entrelinhas de seu discurso. Quando ele aborda situações do nosso cotidiano, quando ele traz a fala de um personagem policial – como ele fez em “Nunca Serão” (que num momento de tortura, esse policial não tortura um cidadão comum, como faziam na época da ditadura, mas um político corrupto que roubou os cofres públicos com seus atos insanos) e pede para ele contar a verdade, senão sofrerá as consequências, muitas vezes ele também toma a posição do cidadão que

sonha por justiça, nem que esta tenha que acontecer de maneira não exemplar.

As produções dos discursos se deram de forma sócio-histórica, os sujeitos se reconhecem dentro de seus lugares sociais, tomando cada um sua posição ideológica.

O vocabulário é utilizado por Gabriel, o Pensador (enunciador) compreendido pelo “Capitão Nascimento” (coenunciador), vocabulário informal, de cidadão brasileiro que num determinado momento é abordado por um policial e ao reconhecê-lo começa, naquele mesmo lugar, traçar um diálogo onde ambos, assumindo posições diferentes, compreendem-se mutuamente chegando a um consenso. Esse vocabulário também é copreendido por seus leitores/ouvintes, que aderem ao seu discurso.

O tema utilizado, como explica Maingueneau (2008) ainda é um assunto delicado e não diz respeito, simplesmente, “*aquilo que um discurso trata*”, neste caso, Gabriel discursou sobre a certeza de que “NUNCA SERÃO” resolvidas as mazelas sociais brasileiras das quais somos todos vítimas, como também somos vítimas desse jogo político explorado por ele em seu discurso.

A formação discursiva se dá dentro de campos sociais diferentes, Gabriel, o pensador – cidadão brasileiro e Capitão Nascimento – soldado do BOPE. Apesar dele também ser um cidadão brasileiro, mas que naquele momento representava uma corporação e sua ideologia é a ideologia do BOPE, os discursos são governados por formações ideológicas.

De acordo com o estatuto do enunciador e do coenunciador houve legitimação no discurso desses dois personagens, da letra de música “Nunca Serão”, estabeleceram relações entre eles. Ambos reconheceram os significados dos discursos – um do outro, pois estavam dentro de um contexto significativo.

Sabemos que o enunciado é uma ferramenta importante, pois o enunciador retrata em seu discurso escrito, suas intenções, sua posição diante dos fatos. No caso de Gabriel, o Pensador, os fatos sociais brasileiros e, de certa forma, seu discurso mexe com os cidadãos, que são obrigados a repensar sobre sua posição diante desses fatos, buscando cada vez mais lutar por justiça, por seus direitos, sem esquecerem seus deveres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. **Palavra e Discurso**: história e literatura. São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo, Hucitec, 1986.

_____. **Dialogismo e construção do sentido**. Campinas (SP). Editora Unicamp, 2011.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRANDÃO, Helena. H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Manifestações Ideológicas do Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

_____. **Conformismo e resistência**. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FANTINI, Mara Rúbia Neves. **Canção Nova e Igreja Mundial**: convergências e divergências no campo discursivo religioso. Dissertação de Mestrado. PUC, SP, 2013.

GEIGER, Paulo (org.). **Novíssimo Aulete**. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. Lexikon, Rio de Janeiro, 2012.

HAIASHI, Marli Guimarães. **Rouba, mas faz**. Revista de História, 2010. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/rouba-mas-faz>> acesso em 11/12/2013.

KOCH, Ingedore Vilaça e FÁVERO, Leonor Lopes. **Linguística Textual** São Paulo: Cortez, 2012.

_____, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o Discurso Literário** (Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Editora, 2002.

_____. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Gênese dos discursos**, São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Análise do discurso e suas fronteiras**. Revista Matraca, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca20/arqs/matraca20a01.pdf>> acesso em 10/01/2014.

_____. **Dicionário de Análise do Discurso**, São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Termos chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 1998.

MOASSAB, Andréa. **Brasil Periferia(s)**. A comunicação insurgente do Hip-hop. São Paulo: EDUC, 2011.

ORLANDI, Eni P. 2006. **Discurso e Textualidade** (Análise de Discursos – O texto nos Estudos da Linguagem). Texto e Teoria – Semiótica e Semiologia – Filologia – Retórica e Argumentação. Campinas (SP): Pontes, 2006.

_____. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas (SP). Editora: Unicamp, 2007.

<http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-da-cultura-hip-hop-> acesso em 15/11/2013.

<http://pib.socioambiental.org/en/noticias?id=35298>> acesso em 17/11/2013.

<http://www.priberam.pt/dlpo/rolou>> acesso em 01/12/2013.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Discografia_de_Gabriel_o_Pensador> acesso em 20/11/2013.

ANEXOS



Álbum “Sem Crise” – Nunca Serão – Gabriel O Pensador.

Eu caminhava no meu Rio de Janeiro quando alguém me parou e falou:
 "Aê parceiro, me dá tua mão que eu quero ver se tá com cheiro
 Porque eu sou um cara honesto e detesto maconheiro"
 Eu tinha acabado de sair do banheiro e dei a mão pra ele cheirar
 Mas foi uma cena bisonha
 Ele cheirou a minha mão por um tempo e eu disse:
 Espera, tu não é o Capitão Nascimento?
 Que vergonha, meu capitão
 Procurando maconha no calçadão
 Qual é a tua missão?
 Eu vi teu filme mas não me leva a mal
 Não me tortura assim não que eu sou um cara legal
 Em certas coisas eu concordo contigo
 Mas não é assim que você vai achar os grandes bandidos
 Esse país tá fodido

Ele falou: 'Eu sei disso
 Quando eu entrei na PM, eu assumi um compromisso, eu luto pela justiça'
 Eu também
 Sem justiça não tem paz e sem paz eu sou refém
 A injustiça é cega e a justiça enxerga bem
 Mas só quando convém
 A lei é do mais forte, no Bope ou na Febem
 Na boca ou no Supremo
 Que justiça a gente tem, que justiça nós queremos?

Os corruptos cassados?
 Nunca serão!
 Cidadãos bem informados?
 Nunca serão!
 Hospitais bem equipados?
 Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Os impostos bem usados?

Nunca serão!

Os menores educados?

Nunca serão!

Todos alfabetizados?

Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Capitão, não sei se você soube dessa história

Que rolou num povoado peruano se não me falha a memória

Um político foi morto pelo povo

Um corrupto linchado por um povo que cansou de desrespeito

E resolveu fazer justiça desse jeito

Foi um linchamento, foi um mau exemplo

Foi um mau exemplo mas não deixa de ser um exemplo

Eu sou contra a violência mas aqui a gente peca por excesso de paciência

Com o "rouba mas faz" dos verdadeiros marginais

Chamados de "doutor" e "vossa excelência"

Cujos nomes não preciso dizer

A imprensa publica, mas tudo indica que a justiça não lê

Diz que é cega, mas o lado dos colegas ela sempre vê

Capitão, isso é um serviço pra você!

Deputado! Pede pra sair!

Pede pra sair, deputado!

Sabe o que você é? Um muleque, é isso que você é

Senador, pede pra sair!

(Desisto!)

Mais alto senador!

(Desisto!)

Vagabundo, cadê o dinheiro que você desviou dessa obra aqui?

(Eu não sei não!)

Fala, Vossa Excelência, é melhor falar!

(Eu não sei!)

Cadê a verba da merenda que sumiu?

02, o corrupto não quer falar não! Pode pegar o cabo de vassoura!

(Tá bom, eu vou falar, eu vou falar!)

Os corruptos cassados?

Nunca serão!

Cidadãos bem informados?

Nunca serão!

Hospitais bem equipados?

Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Os impostos bem usados?

Nunca serão!

Os menores educados?

Nunca serão!

Todos alfabetizados?

Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Conversei com o Nascimento que não pensa como eu penso mas pensando nós chegamos num consenso

Nós somos vítimas da violência estúpida que afeta todo mundo, menos esses vagabundos lá da cúpula corrupta hipócrita e nojenta

Que alimenta a desigualdade e da desigualdade se alimenta

Mantendo essa política perversa

Que joga preto contra branco, pobre contra rico e vice-versa

Pra eles isso é jogo, esse é o jogo

Se morre mais um assaltante ou mais um assaltado, tanto faz
Pra eles não importa, gente viva ou gente morta
É tudo a mesma merda
Os velhos nas portas dos hospitais, as crianças mendigando nos sinais
Pra eles nós somos todos iguais
Operários, empresários e presidiários e policiais
Nós somos os otários ideiais
Enquanto a gente sua e morre
Só os bandidos de gravata seguem faturando e descansando em paz
Enquanto esses covardes continuam livres, nós só temos grades
Liberdade já não temos mais!

Nunca serão!
Nunca serão!
Nunca serão! Nunca serão !! Nunca serão !!!

Nunca serão!
Nunca serão!
Nunca serão! Nunca serão !! Nunca serão !!!

Boa 06, também atirando com o meu fuzil fica fácil, né?
Caveira!